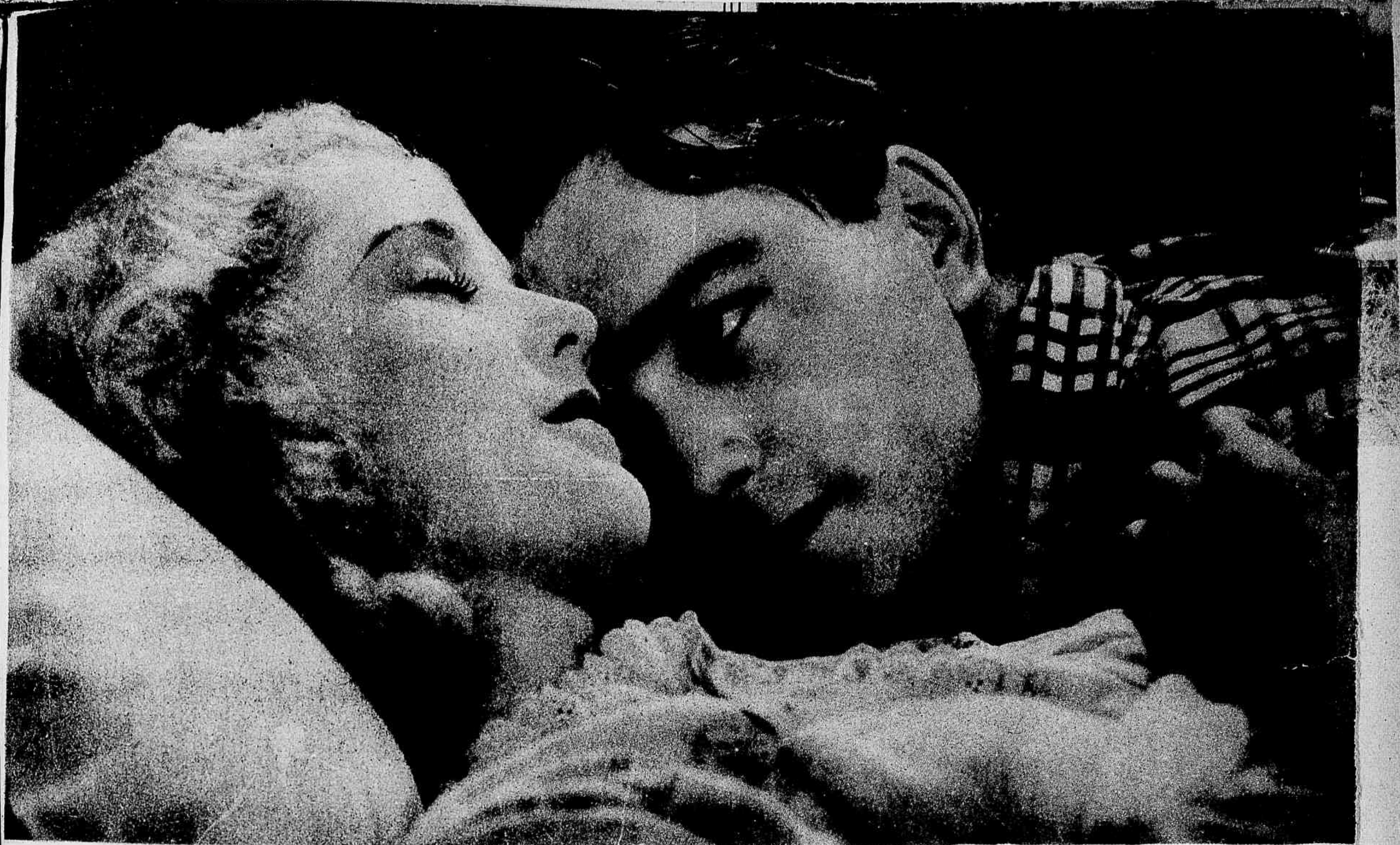
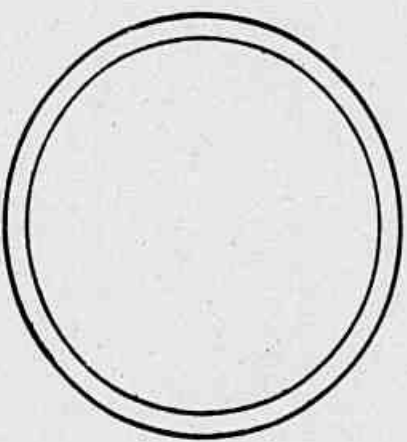
ANNO VI N. 302
RIO DE JANEIRO, 9 DE DEZEMBRO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

LOLA LANE

CINEARTE

MARLENE
DIETRICH
CINEARTE

LEW AYRES E ANITA LOUISE EM

"HEAVEN ON EARTH" DA UNIVERSAL

O DR. GETULIO VARGAS, Chefe do Governo Provisorio, ao receber a commissão que lhe foi solicitar volvesse as vistas para o commercio cinematographico, ameaçado de desapparecer, mercê da crise que a todos afflige, aproveitou a deixa para fazer sentir áquelles que só vêem, no espectaculo cinematographico, materia de simples diversão, que o Cinema apresenta outras faces que muito mais o recommendam ao cuidado e á attenção dos homens de governo.

Em primeiro logar indagou o Chefe do Governo em que as medidas propostas á sua consederação interessariam a industria brasileira do Film, cousa que só muito secundariamente entrava na cogitação dos presentes; depois fez-lhes sentir ainda, o Dr. Getulio Vargas, aos grandes exhibidores, que o Governo poderia talvez alliviar-lhes as taxas exaggeradamente elevadas antes pela vileza das taxas cambiaes do que realmente por sua carestia, mas que era mister, tambem, que elles, que dispunham de tão maravilhoso apparelho de propaganda, delle se utilisassem tambem, em prol do progresso do paiz, facultando ás platéas que acodem aos seus estabelecimentos, Films educativos e de propaganda sanitaria.

As palavras do Chefe do Estado hão de ter, seguramente, surprehendido os membros da commissão que eram ao mesmo tempo os "gros bonnets" do commercio de Cinema no Brasil.

Pois havia gente no Governo capaz de comprehender as vantagens do Film como disseminador de idéas e de conhecimentos e pretender levar essa convicção ao espirito dos proprios exhibidores?

Excusado é dizer que todos se puzeram logo ás ordens do Chefe do Estado, com elle se compromettendo a pugnar pela desanalphabetisação do paiz e pela diffusão dos conhecimentos uteis para o resguardo da saude publica, em seus respectivos estabelecimentos.

De sorte que, se outra utilidade não tiver a ida da commissão ao Palacio do Cattete, esta revelação nos fica. Ao Sr. Dr. Getulio Vargas não é alheia a grande importancia do Cinema, cousa que tem passado despercebida á maioria dos nossos governantes e, mais ainda, S. Ex. se interessa para que os apparelhos de projecção existentes no Brasil sirvam não exclusivamente para a passagem de Films destinados á recreação das platéas, mas ainda para fazer com que estas comprehendam as vantagens da instrucção e da hygiene.

A nós, isso é particularmente agradavel.

Desde muitos annos vem esta secção buscando chamar a attenção dos nossos homens de governo para as grandes, as formidaveis possibilidades do Film. Temos clamado quasi sempre em vão.

A certeza de que o actual Chefe de Governo já tem mentalidade differente, e não considera o Cinema simples futilidade indigna de entrar na orbita das cogitações de gente seria, enche-nos de grande satisfação, proporcionando-nos esperanças de uma orientação firme e segura nesse assumpto.

Ainda agora um telegramma de Pernambuco nos diz que o interventor resolveu adquirir 50 Films educativos.

Nós vamos aos poucos.

Mas vamos.

Dia virá, e não parece estar longe, em que o Film instructivo entre definitivamente na programmação das escolas primarias, como dos institutos de humanidades, e nos grupos universitarios.

As palavras do Dr. Getulio Vargas valem por um incitamento.

O avanço nestes dias foi já de varios kilometros...

O PROXIMO FILM DE CARMEN SANTOS

CELSO MONTENEGRO E' O GALÃ

Scenas Filmadas em Marambaia

O DIABO

(THE DEVIL TO PAY) — FILM DA UNITED ARTISTS

RONALD COLMAN	*Willie Leeland*
Loretta Young	*Dorothy Hope*
Florence Britton	*Susan Leeland*
Frederick Kerr	*Lord Leeland*
David Torrence	*Mr. Hope*
Mary Forbes	*Mrs. Hope*
Paul Cavanagh	*Grão Duque Paul*
Crauford Kent	*Arthur Leeland*
Myrna Loy	*Mary Crayle*

Director: — GEORGE FITZMAURICE

Quando Willie Leeland, filho de Lord Leeland, desembarcou em Southampton, os jornaes já haviam ha varios dias noticiado a sua fallencia na Africa do Sul; a venda dos moveis para conseguir dinheiro para a viagem e varias outras "pandegas" que para Willie nada significavam, mas que para seu pae eram um aborrecimento em cima do outro. Não precisava a ninguem contar o que succedera. Era um trabalho de menos para elle, visceralmente tão inimigo do trabalho...

A sua primeira visita foi para Mary Crayle, uma artista que fôra sua amante antes de partir para a Africa do Sul. Elle sabia que não devia tão rapidamente apresentar-se em casa do pae. As malas deviam ir antes preparar o ambiente...

E Mary Crayle exultou. Willie era o seu amor. Aliás elle era o amor de toda mulher que o conhecesse. Em tudo e por tudo fazia humorismo. Ao seu lado ninguem podia deixar de se divertir. Mary Crayle divertia-se e amava Willie. Tinha ciumes delle. Queria-o intensamente. Por toda essa dedicação Willie p a g a va-a com a primeira visita...

——oOo——

Sombrios eram os horizontes quando elle chegou á casa do pae. Lord Leeland garantia que dali para fóra o poria a ponta pés Susan, a irmã mais moça, ansiosa estava pelo regresso do irmão amado. Arthur, o irmão mais velho, indifferente. Dorothy Hope, amisissima de Susan e naquelle instante visitando os, uma neutra assistente daquelle an biente tempestuoso...

Meia hora depois da sua chegada, Willie tinha beijado longamente a irmã, abraçado o irmão, sido apresentado a Dorothy Hope, lindissima, digna de um seu longo olhar, convencido o pae e ganho cem libras para "começar a vida"... Parecia incrivel. Mas Willie era endiabrado. No seu riso sempre malicioso, na sua physionomia franca, boa, sincera, havia qualquer cousa que ninguem ousava resistir. A propria Dorothy Hope, quasi noiva do Grão Duque Paul, sentiu-se promptamente captiva de Willie Leeland...

— Agora vamos ao Derby.

Propoz Willie, depois de bem guardadas as libras e bem apreciado as pazes faceis com o pae tão raivoso quanto amoroso pelo seu unico filho.

— Pois vamos.

— Mas eu...

Dorothy não podia ir. Promettera ao noivo ir com elle e tambem ao pae. Naturalmente esperavam-na.

— Ora, vamos! Antes passaremos pelo acampamento dos ciganos, ao lado do Derby e da colina apreciaremos as corridas.

— Mas Willie, ella não pode, o noivo e o pae esperam-na!

— Não, Susan, deixe. Acho que vou me divertir muito e na tanto tempo que preciso de alguma cousa assim para meus nervos...

Willie cumpriu o promettido. Divertiu-as. Depois foram para o alto da colina apreciar as corridas. Das cem libras Willie apostou cincoenta por si, dez pela irmã e dez por Dorothy. "Laguna" era o peor animal na raia. Foi nelle que Willie apostou...

No fim da carreira. Willie tinha ganho 250 libras e as suas companheirinhas 50, cada uma. Alegres, cantando, voltaram para a cidade. No caminho encontraram-se com Mr. Hope e o Grão Duque Paul que voltavam das corridas. Dorothy entre os filhos de Lord Leeland, particularmente Willie, cuja fama conheciam, causou-lhes um grande aborrecimento. Escandalo! E naturalmente um sermão estava reservado para Dorothy, no dia seguinte...

——oOo——

A' noite, na festa de Dorothy Hope, onde o pae contava annunciar o seu casamento com o Grão Duque Paul, Willie e Susan estavam presentes. Custára-lhe uma discussão animada e palavras severas. O pae ameaçara-a de mandar prohibir a entrada de Willie. Ella respondera que, se isso se fizesse, deixaria incontinenti o baile e talvez a propria casa dos paes... A sua decisão era daquellas que não soffriam duvidas. O pae preferiu consentir.

Nessa festa, Dorothy mais sentiu que amava Willie. Fôra uma cousa de primeira vista, assim que puzera os olhos nelle. Além disso a sua vida repleta de accidentes, a fama de bohemio que elle tinha, rodeavam-no de uma aureola de romantismo que para Dorothy era uma fascinação. Entregou-se de alma e corpo á esse amor e apenas quiz que Willie lesse nos seus olhos a resolução que tinha formado de o amar até á morte.

Durante a festa, Paul desfeiteou Willie. Willie, polido, afastou-se. Dorothy, que tudo presenciára, devolveu a Paul o seu annel de noivado. Não podia mais supportar aquillo e embora Willie não soubesse disso, para ella era a vida que começava a ser vivida na opposição dos paes, na luta que ella teria que sustentar, na alegria intensa que sentia por saber q u e amava um homem com tanta sinceridade, ella que já

— Mas ainda existe, talvez, algum facto inedito...

— Mary Crayle ?..

— O que sabe a respeito della ?

— Que tem sido sua amante todas as vezes que para aqui.

— Sim...

— Ama-a ?...

— Não. Gostei muito della, apenas.

— Mas nunca mais a verá, não é assim ?

— Apenas para lhe dizer adeus.

— Não, Willie, não quero. Já tenho soffrido muito ciume dessa mulher e não quero.

— Mas...

— Willie ! Promette que não mais a verás !

— Bem...

— Jura !

— Bem... Juro !

Beijaram-se novamente. Elle sahiu, alegre, embora apenas um pouco preoccupado com Mary Crayle. Dorothy, só, sentiu-se intensamente feliz.

Seu pae soube do occorido. Censurou-a. Falou-lhe em Mary Crayle.

Que pague

contava casar-se contra a vontade com um Grão Duque... Mas as offensas a Willie haviam-na maguado. Para evitar o escandalo do pae annunciar aquelle noivado e ella ter que desmentir, subiu ao seu quarto. Fechou-se nelle. Não sahiu mais e ficou sózinha com seus soluços e sua grande vontade de chorar...

——oOo——

No dia seguinte, Willie recebeu uma carta de Mr. Hope, pae de Dorothy. Chamava-o á sua residencia, com urgencia. Lord Leeland, que queria intensamente bem a Dorothy, achava aquillo interessantissimo. O filho sempre dizia "o diabo que pague", quando fazia as suas estroinices. Mas o diabo, agora, parecia-lhe ir ser outro, bem outro e não mais elle, Lord Leeland... Além da carta que Willie recebia, toda Londres já sabia que Dorothy Hope regeitára consorciar-se com o Grão Duque e, "murmurava-se", por causa de um conhecido rapaz da sociedade de Londres, não muito feliz com a sua fama e o seu passado... E quando a voz do povo começava a ser assim forte...

Willie foi. O pae de Dorothy insultou-o. Willie reagiu com a sua calma, com o seu sorriso. No fim da conversa, Mr. Hope ameaçou

— Se minha filha se casar comsigo, desherdal-a-ei! Ficará sem nada !

— E' verdade ?

— Juro !

— Nada o fará mudar de idéa ?

— Vejo que isso affecta muito seus planos, Mr. Willie Leeland...

— Talvez...

E retirou-se. No corredor perguntou ao criado por Dorothy. Indicado o terraço, foi vel-a.

— Willie ! O que está fazendo aqui ?

— Venho dizer-lhe que a minha fortuna é apenas aquella que hontem ganhei nas corridas...

— Esteve bebendo, Willie ?

— Ora, Dorothy, não comprehende ?... Estou lhe propondo casamento...

— Mas que maneiras de o fazer...

— E' que seu pae acaba de conversar commigo. Se casares commigo, ficarás sem um vintem. Convem-te ?

— Se convém ?

Ella riu-se, nervosa. Sabia que a solução era aquella, mais não pensava que fosse tão rapida. Depois, amorosa, offereceu os labios a Willie. Beijaram-se docemente, longamente. Ella sentia a felicidade na alma e elle um alivio doce e bom no coração.

— Mas antes de acceitar, Dorothy, quero que ouça a historia do meu passado.

— Não é preciso. Meu pae já contou metade della e reputo-a... terrivel !

— E acreditaste que elle não mais a verá ?

— Jurou e eu creio absolutamente nelle.

— Pois não devias crer.

— Devo. Amo-o e creio cégamente nelle.

— E se elle se encontrasse com Mary Crayle ?

— Não faria tal. Confio nelle.

— E se o fizer ?... Promette jamais vel-o ?...

(Termina no fim do numero).

Cartas de

Déa Selva é a nova "estrellinha" da Cinédia. V ae apparecer em "Ganga Bruta". O correio de S. Christovam vae ter um trabalho immenso.

Noite de luar... Tudo é placidez pela cidadezinha do interior que já dorme, envolvida no seu pacato socego de moça comportada... Apenas, na esquina da rua principal, movimenta-se um grupo. Um traz o violão a tira cólo, o outro uma flauta e o terceiro um violino. Ha um que não traz nada: — é o cantor. E pelas ruas adormecidas, arrastando os passos, inspirados na lua, passam e derramam pelas ruas desertas as melodias ingenuas, macias e cheias de versos rudes, mas sinceros, que contam, sempre a historia de um amor infeliz...

Julietinha escreve. Ouve a serenata que passa. Pára e ouve. Depois fica alguns minutos com os olhos em silencio e, em seguida, volve-os de novo á pagina começada que tem deante de seus dedos nervosos.

— Apaga a luz e dorme, Julieta. E' tarde!

E' mamãe, sempre cheia de cuidados. A sua resposta é tão branda, tão sincera, que mamãe vae dormir convencida:

— Ora, mamãe, estou copiando um ponto de Historia do Brasil...

E o "ponto de Historia do Brasil" continúa... E' assim:

— .. eu tenho aqui deante dos meus olhos a ultima photographia sua que CINEARTE publicou. Acho você tão bonito! Você é assim mesmo, é? Sabe que quasi tenho ciumes das artistas que trabalham com você?...

E continúa. Depois faz o enveloppe:

Celso Montenegro
Cinédia Studio
Rua Abilio, 26.
RIO DE JANEIRO

Fecha. Leva o mesmo para debaixo do travesseiro. Depois deita-se. Antes de dormir, resa.

Pede por papae, para que elle se sahia bem na pendencia com o Coronel Pereira, por mamãe, para que ella não se queime mais no fogão, quando estiver temperando a comida e por todos os irmãos. Depois termina, lembrando-se da carta:

— ... e tambem para que o Cinema Brasileiro vença, seja muito grande, muito poderoso. E tambem para que chegue a minha carta ao seu destino. E tambem... para que elle me mande um retratinho, sim, meu senhor?...

Depois dorme...

——oOo——

Num dia de chuva, brusco, pesado, irritante, Lelia não sahe de casa. O carro não está para leval-a a Copacabana visitar uma amiguinha. Massada! Mamãe sahiu e ella nem siquer sabe onde foi para lhe telephonar... A electrola não interessa. Um *blue*, naquelle momento, é contraproducente... Nem mesmo o Radio. Cousa horrivel! E' só reclame e mais reclame... Pensa. E vae querer um livro. Sim! Um livro. Vae á bibliotheca do pae. Corre as estantes. "Direitos, disto" "Direitos daquillo". A caceteação normal das bibliothecas dos profissionaes, geralmente fechadas e cujos livros na certa, nunca foram abertos... Mas ha a estante de romances... Lá os seus olhos correm, avidos. Aluisio Azevedo está fechado. Pittigrilli, tambem. Os cavalheiros "inconvenientes", como lhes chama o pae, todos debaixo de chave... Só estão livres os classicos: — Dellys, Ardels, e, para melhorar um pouco, alguns Bourgets... Mas ella não quer. Sahe. Quer emoções. Não quer romance e nem delicadeza, naquelle dia feio, brusco, irritante...

Não sabe o que fazer. Mas depois tem uma idéa. Vae á sua secretariazinha côr do céu e apanha um papel de carta mais perfumado do que seus labios. Escreve com

Decio Murillo só appareceu em "Labios sem beijos", e sua correspondencia já é grande.

letras grandes, mais modernas do que um quadro de Tarsila...

— ...gosto de você, porque você é triste. A melancholia dos seus olhos, hoje, é uma cousa que eu queria ter aqui ao meu lado, olhando-me profundamente, sorvendo-me toda...

Meche-se na cadeira. Pensa. Quer matar de curiosidade o "galã" a quem escreve. Seu corpo todo, vestido num pyjama côr de carne, procura as palavras quentes com as quaes quer ferir...

— ... hontem eu o vi. Tive vontade de o segurar pelo braço, apertal-o contra mim, em seguida, beijal-o com toda minha alma... Que cousa exquisita eu sinto por você, meu amor! Acho-o differente, sentimental e perigoso, a um tempo... Querido! Estou com tanta vontade de o chamar assim...

Depois, no final, a assignatura.

— Yvonne...

Só. Sem endereço, sem nada. E o enveloppe, afinal.

Ernani Augusto
Cinédia Studio
Rua Abilio, 26,
RIO DE JANEIRO.

Chega mamãe. Olha a filha que tem um enveloppe nas mãos e o vae entregar ao criado para que o ponha immediatamente no correio.

— Para quem é ?

— E' para o Ernani Augusto, mãe, aquelle "garoto" que trabalha em Cinema e que eu lhe apontei hontem, na Avenida...

— Mas você escreve a elle, sem o conhecer ?...

— E o que tem ? Assignei Yvonne.. Não puz endereço... Usei o seu perfume para molhar a colla do enveloppe...

E ri-se. A mãe acompanha-a no riso. Afinal de contas, passou aquelles minutos divertida e escreveu a um artista de Cinema...

Fans

E' a theoria das "cartas de *fans*". Do humilde sertão á adiantada cidade. Todos escrevem. Os rapazes, ás *estrellas*. As pequenas, aos galãs. Antigamente, era só para os Estados Unidos, pedindo photographias de Ramon Novarro, John Gilbert, Clive Brook ou Greta Garbo... O Cinema Brasileiro, hoje, tambem tem o seu quinhãozinho... Não é muito grande e nem exaggerado. Carmen Violeta não recebe 10.000 cartas por mez, como Clara Bow, mas recebe 90 ou 100. Para nos, para as proporções do Cinema Brasileiro, é um *record* receber uma artista esse numero de cartas dos seus admiradores. E diariamente ha essa remessa para o Studio. Ha *fans* que escrevem a Ivan Villar, o homem mais feio do mundo e lhe pedem photographia. Ha enthusiasmo, ha admiração. Os *fans* que as escrevem, talvez não saibam, mas ellas confortam extraordinariamente os artistas que figuram nos nossos Films. Animam-os. Dão-lhes coragem. Fazem-os crer em si mesmos e lutar com mais ardor, depois. São esses *fans* que compensam os juizos amargos de uns e as maldades venenosas de outros que, além de discrentes, são constantes inimigos de qualquer cousa que entre nós se faça com honestidade e esforço Brasileiros. Desses *fans* é que o Cinema Brasileiro tira a seiva com a qual dia a dia se fortifica. Desses *fans* é que sahem, ás vezes, os mais enthusiastas dos defensores e os mais ardorosos propagandistas deste ideal. O galã, a *estrella*, depois de lerem suas cartas, sentem-se animados, confortados, certos de si mesmos deante do trabalho que vão enfrentar. E é por isso que ao *fan* que escreve carta, pedindo photographia ou saudando o artista, deve o Cinema Brasileiro um grande favor: — os alicerces já solidos onde equilibra o seu corpo de estructura tambem solida, apesar das duvidas e dos "não faço fé"...

Ha cartas de todos os feitios e de toda sorte. Poetas. Moços que querem photographias autographadas. Pequenas que passam das cartas ás telephonadas... Umas que são "ultimatums": — ou manda o retrato ou... não lhe ligo mais! Algumas sentimentaes, tristes, mesmo, a pedir roupas usadas ou sapatos velhos. Ainda aquellas que vêm inspiradas, acompanhando um cartão postal com o retrato de um par que se beija, engraçadissimamente, elle e ella de maçãs rosadas e um cupido, ao lado espiando com a setta prompta para partir.

(Termina no proximo numero).

Um aspecto do Cinédia Studio para onde se converge a maior parte das cartas de "fans". Celso Montenegro e Carmen Violeta são alguns dos motivos

Alda Rios tem dado muito trabalho ao correio.

(Photo De Los Rios)

Carmen Santos já nem terá tempo para responder as cartas que tem recebido

No pensamento e no coração, o amor passa a occupar logar secundario.

Entra tambem em larga dóse, a excessiva liberdade da mulher americana, o coefficiente maximo na causa do divorcio.

As theorias divergem sobre bases falsas.

Mas, o factor computado, jamais vem á baila, porque não existe a idéa de que a demasiada liberdade aos olhos do estrangeiro, seja causa preponderante desse cancro que se alastra pela sociedade americana.

Está fóra da plausibilidade o fazer regra geral.

Mas, a calamidade a que tem attingido o divorcio recentemente, envolvido em banalidades de toda jaez, é tão grande e tão accurada, e tão profusa, que a sinceridade do sentimento não pode fazer parte integrante nessa questão toda.

Casados hoje.

Divorciados amanhã.

Que tem?

Então, os chamados "amor a primeira vista" tem o poder do divorcio dentro de toda futilidade.

Elles vêm na vanguarda.

São casados primordialmente na imaginação...

Só não posso comprehender, um bem casado como George Bancroft, dizer que a mulher americana não se preoccupa com a questão de sexo.

Convenhamos.

Mas, se o sensualismo não é a causa morbida do divorcio, onde procurar os attenuantes para a anomalia?

Notoriedade?

Não existe sentido obvio para essa anormalidade.

Nem nos casos de adulterio...

. . . .

Hollywood em si, é synonimo de discórdia — é mulher.

Talvez seja esse o motivo, porque os sexos andam em detrimento entre si. A luta dos sexos na capital do Film, é a maior batalha que a sociedade e a moral tentam conquistar para seu gaudio, e que jamais conquistará.

As circumstancias não permittindo possibilidade alguma, jamais chegarão a um mutuo accordo.

Cada mulher é uma tentação, e cada tentação um divorcio.

O caracter resiste por conveniencia publica, e muitos se consideram divorciados moralmente.

Nessa luta, os factores que a determinam, são mais preponderantes.

A tensão nervosa, a excitação mental, a tentação da carne, a ansia de vencer e chegar á perfeição em seus trabalhos são estiletes que se chocam uns contra os outros.

A luta é perenne, durante os dias e mais dias de Filmagens, e que as vezes, terminam levando os dois á bordo do abysmo — seja do casamento que é mais facil; seja do divorcio que os advogados espertam, machinam.

E vencem...

Assim succedeu a Edwina Booth e Duncan Renaldo, durante a Filmagem de "Trade Horn" nos sertões africanos. E assim tem succedido a muitos delles, em identicas condições sem precisarmos ir tão longe...

Dentro de Hollywood...

As Filmagens em locação, a solidão dos ambientes, despertam cobiça, e enfraquecem sentimentos...

Os dias passam. A solidão enerva. A tentação anda volteiando na atmosphera dos desejos...

Então...

Um dia tudo é esquecido...

. . . .

Joan Crawford tem as mais bellas theorias sobre o amor, atravez da publicidade. Pessoalmente disse-me algumas, as quaes, mentalmente, comparando á sua vida de casada, pareciam que andavam em parallelos.

J O A N !

Theorias falsas ou os divorcios e Hollywood

(DO LIVRO "HOLLYWOOD" DE L. S. MARINHO)

Foram theorias, comtudo. Joan muito sensatamente acha que o "amor não póde ser definido. Quem o fará? Por fantasia, muito bem, bordando o sentimento com o palavriado meloso e imaginario, póde ser. Logicamente, não."

E disse mais.

"Lutar pela vaidade da gloria, não é tão estimulante, como lutar pela satisfação e admiração de alguem que se ama." Como Joan Crawford é intelligente, até hoje tem sabido manter com orgulho sua attitude sobre o amor.

Jeanette Loff, Raquel Torres, Olive Borden, Thelma Todd, Alice White e outras, diziam-me theorias banaes.

Theorias falsas.

Era razoavel.

Não queria exigir muito sobre essa theoria, onde a vulgaridade e a mentira imperavam com pavor.

. . . .

...Consideremos a harmonia de sua vida, onde sentimos a sinceridade de seu affecto, o nectar de sua felicidade e a communhão de muta comprehensão que poderão existir em seus lares e em seus espiritos.

Não são Harold Lloyd e Mildred Davis bem casados? Um dos poucos casamentos de amor? Não são tambem felizes Norma Shearer e Irvin Thalberg? Mary Pickford e Douglas Fairbanks? E estes ultimos, já estão dando tratos a maledicencia, pelos annos que vivem juntos e felizes (?). Ha quem diga, que sua felicidade anda beirando o abysmo do divorcio...

Vilma Banky e Rod La Rocque não são o exemplo da sinceridade e do amor? George Bancroft? George Fawcett? Johnny Mack Brown? Fay Wray? Não o era Lon Chaney? Milton Sills? Eleonor Boardman não tem sido a amada de King Vidor? Von Strohein? Edmund Lowe e Lillyan Tashman?

E mais alguns, talvez, chegaremos ao fim da curta jornada.

No emtanto, se estes artistas sem causa de honra, chegarem á borda do divorcio, creio que se pode perder a crença em qualquer casamento entre artistas de Cinema.

Comprehendo que não ha romance bastante efficaz para impedir a victoria do divorcio.

Seu estygma já estará diluindo sua união, antes que ella seja effectuada.

A calamidade está quasi attingindo o auge.

E quando attingir...

. . . .

A sociedade e a moral, ficarão cognominadas de intrusas na vontade humana.

Abandonemos a idéa de qualquer pretenção em prophetizar o futuro. Mas, quem não previa os divorcios de Jocelyn Lee, Loretta Young e John Gilbert?

E como estes, muitos estão na berlinda, aguardando o momento para offerecer sua prenda...

Não será exaggero, dizer-se que em Hollywood todo casamento é prognosticado com um provavel divorcio...

O casamento nos Estados Unidos é uma instituição perigosa.

A facilidade do divorcio, dando azo a contrahir novas nupcias é outra instituição analoga a antecedente.

Na California, a lei não permitte que os divorciados contraiam novos casamentos senão depois de um anno. Um longo celibatario para quem vive navegando no Oceano da tentação...

Outros Estados offerecem mais margens para futuros casaes, porque elles vivem em detrimento com a divergencia das leis. Assim os casaes pretendentes a divorcio e vice-versa, vivem especulando lograr as leis que servem de barreira, a seu sentimento feito a machina.

A California está perdendo a freguezia com o seu "um anno" de puritanismo...

Agora, todo paiz está correndo para a cidade de Reno, no Estado de Nevada, onde com seis semanas de residencia, e gastando fortunas em casas de jogos legalizados, esperam a commutação de sua ambição de liberdade, resolvida em seis minutos.

Nesse logar, a media dos divorcios é um em cada tres minutos... Um juiz ha pouco retirado da luta (?) contando um pouco menos de vinte annos de tribunal, vangloria-se de ter feito mais de vinte mil divorcios...

Um negocio da China...

A felicidade não é encontrada em outros logares. Em Nevada, uma vez tendo o juiz cortado o cordão umbelical que prendia o casal, elle poderá passar a outra sala, onde os pretendentes aos divorciados poderão esperal-os, podendo ali mesmo, e o mesmissimo juiz atal-os novamente.

Outros estados, comprehendendo o grande mal causado pela facilidade do divorcio em Nevada, estão a procura de solução para suas leis. Alguns advogados mais espertos, tentam fazer a cousa ainda mais rapida possivel — questão de vinte e quatro horas se tanto, e sem residencia local, e tudo estará terminado e novamente reencetado para futuras desuniões. E' esta a felicidade que se procura "instituir" nas fronteiras da California com o Mexico.

ASPECTO GERAL, VENDO-SE NANCY CARROLL

CLIVE BROOK E A "EDITORA" JANE LORING.

EUGENE PALLETTE FREDERIC MARCH E LUBITSCH.

A HORA DO "LUNCH" NO STUDIO DA PARAMOUNT...

FRENCES DEE.

REGIS TOOMEY E PHILLIPS HOLMES.

ro passo para a desgraça. Depois veio a bancarrota que a liquidou em todos seus minimos haveres. Terminou o seu rosario de maguas com a ultima: — uma investigação policial no seu appartamento por causa de toxicos... Apesar de provada sua innocencia, os jornaes gritaram e foi impiedosamente atacada. Continúa lindissima, mas continúa infelicissima tambem... Ha pouco casou-se ella com Wllace Mac Donald Greery Jr: Pois bem. Na semana seguinte, uma "manicure" de um hotel de New York accusou-o de violencia amorosa. Mary revoltou-se. No dia apontado e em questão, estavam, ella e o marido, em lua de mel e nem siquer em New York:

— Tudo para me desgraçar, arruinar, liquidar!

Disse ella profundamente maguada a um reporter que a procurou. E assim têm sido todos os seus passos.

Pouco menos sensacional tem sido a vida particular de Katherine Mac Donald, "a belleza americana", como muito tempo a chamaram. O caso do seu divorcio de Christian B. Holmes é curioso de se estudar... Elle é um "sportman" em Montecito, California. A ultima entrevista que ella deu aos jornaes, deu-a num hospital proximo a Santa Barbara e com uma clavicula partida. E ella declarou, já cançada de supportar os aborrecirmentos e as tragedias da sua vida dentro de si mesma, que aquella fractura provém dos tombos que levou, violentos e successivos, quando fugia, em zigzags, para evitar as balas do revólver que o marido despejava inteirinho na sua direcção, para matal-a.

— Sou a mulher mais infeliz do mundo!

Disse ella.

— E' terrivel, medonho, mesmo, precisar eu accusar dessa fórma o pae do meu filho. Mas o que fazer? Eu não posso continúar levando uma vida tão miseravel assim.

Na sua petição de divorcio, as declarações que fez ainda augmentaram as accusações sobre o marido. Ella disse que a sua vida de casada pouco mais foi do que uma continua humilhação e tortura. Mais adeante, narra ella que em certa occasião elle chegou a segurar o seu pulso para queimal-o com a ponta accessa de u m cigarro. Ella naturalmente gritou e elle, ouvindo-a gritar, espancou-a.

Mary Astor

Ha uma tragedia e uma infelicidade em cada vida de um rosto "demasiadamente" lindo. No Cinema, então, é mais do que um facto, isso que estamos aqui escrevendo. Os Films dão amor, luxo, fortuna e fama ás suas mais lindas criaturas. Mas a vida conta uma historia bem differente dessa... A vida acha que a belleza é uma lenda.

Consideremos as historias das mulheres realmente lindas de Hollywood. Para ellas, a belleza nada mais foi do que uma dadiva macabra... A infeliz Olive Thomas. Mary Nolan, de belleza angelica. Katherine Mac Donald que foi considerada até, mesmo, "a belleza americana." A triste e sombria Mary Astor. Clara Bow que saltou de um concurso de belleza para a infelicidade... Barbara La Marr que morreu aos vinte seis annos, victima absoluta da sua belleza e tantas outras, ainda...

Foi a infelicidade que soprou sobre ellas. Algumas morreram. Outras ainda existem e sempre infelizes. Umas soffrem brutalidades por parte dos maridos. Emfim: — uma serie infinda de maldades e aborrecimentos sem conta. A historia de qualquer mulher bonita sempre tem um lado d e tragedia.

Ha na oelleza adoravel e meiga de Mary Nolan, alguma cousa deliciosa, impressionante. Mas tudo quanto faz ou tudo quanto lhe acontece, sempre, parece ser mal azarado. Ella tem soffrido immenso. Nas mãos de um homem cruel. Na sua carreira. No seu desejo firme de abandonar uma vida desregrada por outra, seria. Em summa: — em tudo. O rosto de Mary Nolan parece-se com o de um anjo. Pois já houve um homem que teve a coragem até absurda de pensar de lhe arrumar um violento murro nesse rosto lindissimo... O seu corpo, inspiração para artistas, já foi armazem de muita pancada... Uma mulher feita para o amor dos homens, a inveja das mulheres e que é, no emtanto, profissionalmente falando, um méro objecto de piedade e pena. O seu tragico "caso" de amor com Frank Tinney foi o seu primei-

Clara Bow

— Não sei o que fiz para merecer semelhante infelicidade.

Disse ella terminando suas accusações.

Tragedia da

Quando Kátherine Mac Donald deixou o Cinema, o seu rotulo de "belleza americana", passou para Billie · Dove. E' outra que accusou o marido de extrema crueldade, quando fez a sua petição de divorcio. Nas declarações que ella fez deante do Juiz que a ouviu, ella disse que discutiam frequentemente por causa dos ciumes doidos que elle tinha de qualquer homem que a olhasse e, em seguida, não raras vezes elle a esbofeteava. Probrezinha della! Como impedir que os homens a olhem?

Hoje ella está livre e não tem mais o seu mua marido ao lado, o rude Irvin Willat. Mas ainda assim os seus amigos mais chegados dizem que ella não é absolutamente o que se possa chamar uma mulher feliz. E' recente o caso do seu romance que deu em nada. Affirmam que Billie Dove apaixonou-se profunda e sinceramente por Howard Hughes, o productor da United Artists. Mas tem sido elle visto em companhia de varias pequenas e não

Katherine Mac Donald

garatem que seja provavel uma reconciliação entre ambos. Estará a infelicidade das criaturas lindas tambem perseguindo Billie Dove com a mesma impetuosidade?

Quando, pessoalmente, sentia-se mais feliz, Mary Astor foi attinginda pelo mais forte golpe de azar que podesse derribar suas illusões. Depois de dois breves annos de uma vido conjugal admiravel, Kenneth Hawks, ser marido, morre tragicamente victima de um desastre de aviação e do seu dever.

— Nos primeiros dias e depois das primeiras semanas, eu ainda não podia crer que fosse verdade a morte de Ken. Eu tinha sido feliz, até então. Antes de o conhecer, na verdade, quasi nada de anormal me havia acontecido. Depois que me tornei sua esposa, no emtanto, senti pela vida um maior interesse e a comprehendi melhor. Elle soube fazer-me muito feliz. Por que seria justamente elle o apontado pela sorte para soffrer aquelle accidente?

Mary Astor casar-se-á de novo? E se casar, será novamente tão feliz quanto o foi com o primeiro marido?...

Será necessario ennumerar, aqui o que de infeliz foi a vida de Clara Bow, depois que ella ganhou o concurso de belleza realisado pelo **Motion Picture Magazine**? Ella, com o lindo rostinho que tem, já soffreu muito, na vida. Amores infelizes, perseguições pelos tribunaes, **escroqueries** e varios outros casos semelhantes ou peores ainda.

O mesmo aconteceu com a irlandezinha Sally O'Neill. Marshall Neilan, que a descobriu quando ella tinha desesete annos, achou-a uma das criaturas mais lindas que elle já tinha visto. Mas justamente essa belleza é que lhe acarretou as maguas e os desprazeres todos que lhe aconteceram, na vida... Com ella figuraram, em **Sally, Irene e Mary**, Joan Crawford e Constance Bennett. Estas duas venceram. E ella? Ficou na curva peor da estrada...

Claire Windsor, conhecida como a "pequena orchidea" do Cinema, linda como é, tambem tem sido absolutamente infeliz, na sua vida. Aborrecimentos com matrimonios. Desgostos com a sua vida particular Infelicidade na carreira. Uma serie de contrariedades sem conta. E por que?...

Mary Nolan

Olive Thomas foi outro caso desses. Infeliz com o seu casamento, pois Jack Pickford, seu marido, sempre foi um mau marido para qualquer mulher (Marilyn Miller é outra que pode falar) e infeliz em tudo mais.

Pois isso é que dissemos como os versos de um samba conhecido: —

— Guarda a tua belleza, meu bem...

* * *

Edmund Goulding, ao que parece, será o director d **Grand Hotel,** da M. G. M., com Greta Garbo, John Gilber Joan Crawford e Clark Gable. Estava annunciado Georg Fitzmaurice, mas Edmund assignou contracto para dirig o Film.

* * *

Tomorrow and Tomorrow, da Paramount, tem Ru Chatterton no principal papel e Paul Lukas como galã. R bert Ames figura. O scenario é de Josephine Lovett e a recção, de Richard Wallace.

belleza...

"empossado"... Clark Gable é a ultima evidencia. E' o novo "interventor." Mas deixe que ainda ha de apparecer alguem de senso...

Eu levo esse caso para a lage da fria analyse. Não é o seu fim. Nem perdeu "fans" e nem deixou de ser um nome de bilheteria importantissimo. Se isso tivesse acontecido e você fosse um real fracasso, não estariam pondo você no elenco de grandes Films e nem programmando o seu nome para os melhores Cinemas do mundo. O artista que chega ao "fim", não tem mais admiradores. Jack Oakie e Cherles Rogers foram apeados (estou dentro da epoca! Ninguem pode achar ruim...) dos seus cargos de "astros" para os desempenhos de simples figurantes, por que? "Voz branca"?... "Medo do microphone"?... Nada disso! Fracassaram na contagem de pontos. Sim. A carreira de uma "estrella" ou um "astro" de Cinema, é uma lucta renhidissima de "box." Ha os que perdem por "knock-out." São aquelles que entram num Film e jamais apparecem: — varios são os exemplos... e ha os que perdem por "pontos." Este é o caso dos dois. E os pontos, no dito, são os "dollars" deixados nas bilheterias do mundo. Quando diminue a renda e um nome não chama mais attenção, Hollywood e seus "dollarographos" (sim, o scismographo regista terremotos. O "dollarographo "regista" quéda de "dollars"...) dão o brado. O resultado foi o que lhes aconteceu: — figurantes e... nada mais. Subida typo marcha ré...

E com você, amigo John, já aconteceu isso? Os exemplos colho-os em casa. Dou razão ao "caso" Charles Rogers, por exemplo. Elle andava mais páo do que uma quarta-feira de cinzas. "Ilha de Felicidade", seu ultimo Film aqui exhibido, poderia se ter chamado "Torturas" de um "fan" e estaria certo. Pessoas contaveis a dedo, na platéa, durante a semana toda... E assim já vinha acontecendo desde que elle deixou de ser artista de Cinema e começou com os "fricotes" de tocar trombone de vara e cantar "blues" com uma voz que, até cantando no banheiro, Ivan Villar bate longe...

E com você?... Nada disso, amigo John. Longos mezes passaras as nossas platéas um forçado "jejum John Gilbert." Mas o "fan" sincero é paciente e a recordação do publico, afinal, não come tanto queijo quanto querem affirmar aquelles que cahem porque não têm merecimentos... A Metro teve a consciencia de não exhibir, aqui, **His Glorious Night**, um Film no qual o puzeram talvez por vingança e muito provavelmente para te anniquilar. Depois de "Redempção" vimos "Destino de um cavalheiro." Foi longa a espera. Mas quando o Film, numa segunda-feira sympathica, sorridente, rompeu no cartaz, a multidão tomou Packards, bonds, taxis, omnibus, talvez mesmo "patins" (o typo do "sport" Clark Gable... Sim, do momento!) e encheu, abarrotou, super-lotou a casa que voltava a receber John Gilbert... E assim foi a semaninha toda... Por que, meu irmão?... Por que a sua voz é "branca"?... Por que você seja um "fracasso"?...

(Especial para **CINEARTE**).

Li um artigo.

— O fim de John Gilbert!

E outro.

— O homem que temeu o microphone!

E mais outro.

— Fracassado...

Tambem uma critica.

— A voz "branca" de John pôl-o fóra de combae...

Mais outra.

— Nem o mesmo brilho tem nos olhos!

Ainda uma.

— Perdeu a sua impetuosidade de grande amo-
ro.

Quando terminei, tão credulo do que lêra estava
anto o menino que ouve o conselho do pae sobre a
cessidade de não ser traquinas...

— Fracassado... Derrotado... Inutilisado...
m impetuosidade... Nem "aquelle" olhar mais...

Estiquei as pernas, espreguicei-me longamente,
pois tive essa phrase ousadissima para taxar os jor-
istas daquelles commentarios.

— Cretimos...

E tornei a mergulhar o meu pensamento no infi-
o dos raciocinios. Quando encontrei a sahida para
abyrintho dos mesmos, trazia, debaixo do braço,
as e mais idéas para tomar a tua defesa, meu bom
igo John. Pensei sentar-me defronte á machina e arrumar laudas e mais laudas contestando vehementemente aquelles absurdos pronunciados contra ti. Mas para que? As revistas eram americanas. Os jornalistas, com toda certeza, não saberão, pelo resto da vida delles, nem da existencia do Brasil, quanto mais da minha e dos meus artigos...

Foi então que deliberei escrever esta intimidade á você. Sim. Tire o seu paletót, ponha-se á vontade. Com esse calor, John amigo, não quero pensar que você não tenha o habito de tirar o paletót... O meu vizinho, por exemplo, está em pyjama, um lindo pyjama côr de melancia com "galões" caprichosamente bordados a lhe ornarem o peito. Confortaveis, agora, conversemos. Ou antes, ouça-me e se não concordar commigo, diga-me que está com somno e eu o deixarei immediatamente em paz e voltarei ao meu refresco de laranja...

Sinceramente, amigo John, diga: — esse pessoal é o typo do pessoal que adhere, não acha?... Ah, descuipe! Eu nem me lembrei de que você não é daqui e não esteve, portanto, mettido nos nossos nacionaes embrulhos... Mas, de toda fórma, escrevendo um pouco para os "fans" que me estão entendendo, John, poderei dizer que você, hoje, é assim uma especie de interventor "deposto", sabe? Todos tiram o olhar da sua figura e passando ao

Sinceramente, não creio... Você venceu com a mesma segurança de antes **Big Parede** não é um Film que se esqueça tão facilmente. **Mascara da Alma** foi alguma cousa admiravel que poz você numa redoma inviolavel. **A Carne e o Diabo** fel-o enfrentar Greta Garbo e disputar um "match" renhidissimo no qual você venceu. **Onde os Caminhos do Amor se Cruzam** foi outro triumpho que o publico não se esqueceu delle... Isso tudo pesa numa bilheteria! Isso tudo pode criar pó, na lembrança do "fan", mas o pó não occulta as feições e nem disfarça as fórmas. Espanado, sahe e torna a mostrar, vivamente, aquillo que apenas "disfarçou"... O pó, no caso, foi a sua longa ausencia.

John, meu amigo, deixa a "negrada" falar á vontade. Você é aquillo que elles não querem, e o querem aquelles que o admiram. Perdeu a impetuosidade? Talvez. Nem todos os Films têm as chances de um **Cossacos** ou um **Cavalheiro dos Amores**. Nestes você arremetia sobre os labios das pequenas com o ardor de uma paixão brilhando nos seus olhos. **Destino de um Cavalheiro** põe-no deante de uma pequena que é sua noiva e que você respeita e deante de outra que você conhece na desgraça e que apenas merece o seu afago. Como querer "impetuosidade"?... E não é o grande amoroso?... Qual! Elles não entendem disso, positivamente... Quando você telephona ao Paul Porcasi e tem Leila Hyams ao seu lado, devora-a com os olhos, acaricia-a com o olhar... Sim! O seu olhar que elles acham morto mas que está vivinho da "silva" e mais chammejante do que nunca! Só pode ser inveja... Mas não te incommodes, meu "nego." Deixa a "negrada" se irritar...

Um motivo poderia pôr você fóra de combate. Alguem, formidavel, que monopolisasse toda a attenção dos "fans" do mundo e obscurecesse completamente o horizonte da sua fama. Mas quem é esse alguem? Os que combatem na mesma profissão e representam dentro do mesmo genero seu, são "criancinhas de peito" ao lado de um simples riso dos seus dentes alvissimos. Os de outros generos, como Ramon Novarro, Gary Cooper, etc., estão em outros generos e isto já diz tudo. Nos seus bons tempos. Isto é: — nos tempos dos seus bons Films... Quaes eram os seus concurrentes?... Rudolph Valentino... Nils Asther (que o microphone arrasou... por não falar inglez correctamente...) Gente de verdade na "opposição" e apesar de Valentino ser, realmente, um amoroso de qualidades phantasticas e um rival muito serio para o seu sceptro, perdeu você a lucta ou foi derrotado alguma vez?... Não! Ambos venceram e sempre estiveram emparelhadissimos na corrida. Uma sorte você tinha. Os seus Films eram mais bem tratados do que os delle, que apenas na United Artists melhorou a sina. Apesar disso, Valentino era o unico homem que podia competir com você e elle, infelizmente, foi tragado pela morte incoherente...

hn...

Hoje em dia, cavalheiros como Clark Gable, etc., são "meninos de escola" ao lado da sua presença de espirito, da sua arte. Varios são os seus Films. Variadissimas as historias dos mesmos. O que você repete, nos mesmos, não é igual. Ha o mesmo fogo nos olhos, a mesma maneira inconfundivel de acariciar, de amar. Mas você é differente. Se faz um russo, sente-se o sangue slavo nas suas veias. Se é italiano, ha uma canção dolente nos seus idyllios e um gesto tragico no seu menor gesto. Se é inglez, uma sobriedade inexplicavel. Se é austriaco, uma libidionosidade de valsa languida nos passos firmes das suas conquistas... Você vive com alma os seus papeis. O publico não esquece o artista que lhe enche as medidas. Você tem ido além. Tem feito transbordar essas medidas e as faz transbordar em cada Film.

Não adeanta lembrar os "bons tempos." "Bons tempos", no diccionario do "fan", eram aquelles em que a "camera" andava solta pelos "sets" e subia escadas, galgava muros, corria pelos corredores, invadia alcovas, descortinava segredos e buscava minucias humanas em janelias entreabertas... Hoje é outra a technica. O dialogo fatalmente reduz a acção, por mais synthetico e rapido que seja. Vae mais metragem numa scena falada do que numa silenciosa, é logico. O resultado é que o scenarista precisa reduzir o "Cinema", para augmentar o "theatro." Isto é: — substituir o detalhe photographado pela acção explicada pela voz... Hoje já está muito melhor do que hontem, sem duvida, mas ainda falta muito para chegar ao que era o Cinema de antigamente... (Engraçado... Cinema virou caranguejo. E' preciso retroceder para avançar... Quanto mais se approxima da antiga technica silenciosa, tantos mais "volta" ao que já era o Cinema...)

Você é bem o symbolo do Cinema silencioso. Continúa firme apesar da invasão dos "novos." Irreductivel e prestigiado pelos "fans", apesar dos microphones...

Isso! Você é meu "team", John amigo. Aguenta a "virada" porque, depois, no segundo "half team", jogamos a favor do sol e do vento... Deixa gritar a archibancada dos "socios." Elles são interessados e não torcem por você. Ouve só a voz da geral e das archibancadas do povo... São seus "torcidas"! E deixa o pessoal falar quanto quizer. No fim é que vamos contar o numero de "goals"...

Victor L. Schertzinger já está movimentando o pessoal do seu Studio. Está pedindo reducção de dialogos, voz apenas em substituição aos letreiros e musica nos trechos onde a voz seja desnecessaria. Outros clamam que a proxima "programmação" terá menos voz. Para melhor vender um artigo, hoje, o productor avisa que "terá menos voz." Ha dois annos era a quantidade de voz que importava... Estamos progredindo, não acha?... Mes elles hão de chegar, Johnzinho amigo! Chegarão... Você espere, sempre com aquelle sorriso que a "campanha da boa vontade" aconselha e verá quem vae rir por ultimo nesse negocio todo... Vitaphone e movietone foram feitos para dar a devida musica aos Films. Isto sim, é um assombro. Innegavelmente as orchestras dos outros tempos anniquillavam um Film. Eram raras as felizes. Com a devida musica já propria para um Film e apenas a fala em substituição aos letreiros, ninguem mais poderá com a vida do Cinema e, então, você vae ver quem tem mais garrafas vazias para vender: — você ou o resto desses "sopas" que vivem querendo entornar o seu caldo mas que fazem mais do que mancharem as proprias roupas...

(Termina no fim do numero).

Na praia do

Ouvidos cheios e olhos repletos: — eis o lemma de Malibu Beach...

Um dia destes, houve um escandalo tremendo em Malibu Beach: — souberam que Conrad Nagel havia

ROBERTA GALE, UMA DAS FIGURINHAS DE MALIBU...

Ha um logar, que não é Hollywood, onde nada se pode fazer sem o vizinho descobrir e, minutos depois, o resto dos vizinhos tambem saberem... E' Malibu Beach, onde vão descançar os nossos admirados "astros" e "estrellas" e onde não ha telephones, para que os Studios não os possam chamar, nos momentos de descanço, para um "test" ou um ensaio... Agentes de publicidade, em Malibu Beach, até prohibidos de entrar desconfio que são...

ARLINE JUDGE

Mas em Malibu Beach, em compensação, todo mundo sabe o que vae acontecer no tecto alheio, mesmo antes de acontecer...

Os divorcios são "adivinhados"... Os ciumes, commentados... Amores velhos e amores novos... Amores velhos por novos... Todos aquelles titulos dos antigos Films de De Mille, mesmo, são ali conhecidissimos... Janellas fechadas ou janellas abertas, Malibu Beach sabe tudo. Fica a vinte milhas de Hollywood, exactamente na costa do Pacifico. Mas Malibu Beach é tão curiosa...

Quando, uma tarde ardente, John Gilbert ficou para jantar a sós com Joan Bennett (pequena de John Considine Jr...), Malibu Beach, até nas aguas do oceano que beija suas areias, murmurou... Mas que diabo? Haveria algum mal nisso, sendo John vizinho de Joan?... Mais tarde ouviram-se vozes azedas e berros mais ainda. Num segundo encheu-se a casa e quando John Gilbert e John Considine Jr. iam, pelos modos antigos, isto é, a murros, averiguar qual dos Johns prestava mais, ali, diante de Joan... os vizinhos chegaram, riram á socapa, retiraram-se satisfeitos com o escandalo e, no dia seguinte, pela manhã (isto foi pelas 9 da noite...), os jornaes até de New York já estampavam a noticia "curiosa"...

Mas como é que a turma ouviu, se as portas estavam fechadas?.... Que cousa! Pois é: — a turma ouviu, sim. O mar é tão buliçoso...

Malibu Beach ouviu uma historia ha dias contada e riu-se muito... Lilyan Tashman sahira com uma companhia de "farristas". Foram pela estrada a fóra. Pela noite, Malibu Beach procurou Lilyan Tashman na sua casa que é uma das mais bem arranjadas de lá. Não estava... Pela manhã foi encontrada adormecida na praia, perto da sua casa... Que boa historia para o almoço de Malibu Beach!...

Clara Bow tambem teve o seu "pedacinho" nas cousas de Malibu Beach. Num film de semana, foi ella e Harry Richman tambem foi, a Agua Caliente. Na volta, Malibu Beach apenas viu um automovel chegar, barulhento e duas figuras descerem diante da casa de Clarinha. No dia seguinte é que foi a risada: — quem viéra, não fôra Harry, não e, sim, um "croupier" do Casino de Agua Caliente... Clarinha, ella mesma, riu-se á vontade do "engano"...

MARJORIE KING E ANN DEVORAK

comprado uma garrafa de "whiskey...

As primeiras residencias de artistas que se ergueram em Malibu Beach foram as de Clive Brook, Evelyn Brent e Ronald Colman. Elles, querendo o mar e um descanço mais placido para as horas de socego, longe do Studio, "descobriram" Malibu Beach e compraram terrenos lá. Foram os pioneiros, portanto... E ainda vivem lá! Hoje, Malibu Beach tem estes nomes ás portas das suas innumeras residencias: — Constance Bennett, Joan Bennett (Constance e Joan não moram juntas, ABSOLUTAMENTE!), Warner Baxter, Marion Davies, Marie Prevost, Louise Fazenda, Gloria Swanson, Barbara Stanwyck, Frank Fay, Leila Hyams, George O' Brien (e familia), Leatrice Joy, Wesley Ruggles, Chico Marx, John Gilbert, Buddy De Sylva, Robert Z. Leonard, Dolores Del Rio e Cedric Gibbons, Bill Boyd e Dorothy Sebastian, Richard Barthelmess, Sharon Lynn, Ralph Ince (quasi "suicidado" ha dias, quando ficou dormindo na praia e uma pequena lá o descobriu quando já estava quasi num "beef"...) Herbert Brenon, Herbert Somborn (ex-marido de Gloria Swanson e dono do "Brown Derby"), Neil Hamilton, Alice Joyce, Rex Bell, Grant Withers, Edmund Lowe e Lilyan Tashman, John Boles e muitos outros.

Em vez de irem para longe, elles vão "para perto", em Malibu Beach. Em vez de "privados", elles ficam "ajuntados". E por causa desse ajuntamento e justamente da nata de Hollywood, é que surgem os falatorios todos e as criticas mais engraçadas que o mundo já ouviu... O "bungalow" de Leatrice Joy fica a dois passos do de John Gilbert, seu ex-marido e o de Ina Claire, outras de suas esposas, á esquerda. Elle, portanto, querendo socego e paz, põe-se exactamente á direita de uma e á esquerda de outra... Constance Bennet, a actual senhora do coração do "Marquis de la Falaise", ex-marido de Gloria Swanson, reside apenas a dois saltos da residencia dessa... E Herbert Somborn, o ex-marido de Gloria, fica-lhe exactamente á direita... O facto de Considine ter sabido que Joan e John estavam jantando juntos, vem do facto da sua casa ser proxima a de ambos e eis ahi a cousa... Richard Barthelmess, querendo ficar longe do Studio, dos negocios, das atrapalhações, dos directores, dos elencos, de tudo, em summa, está vendo, pasmo de espanto, Jack Warner, seu "patrão", montando sua casa exactamente ao lado da sua...

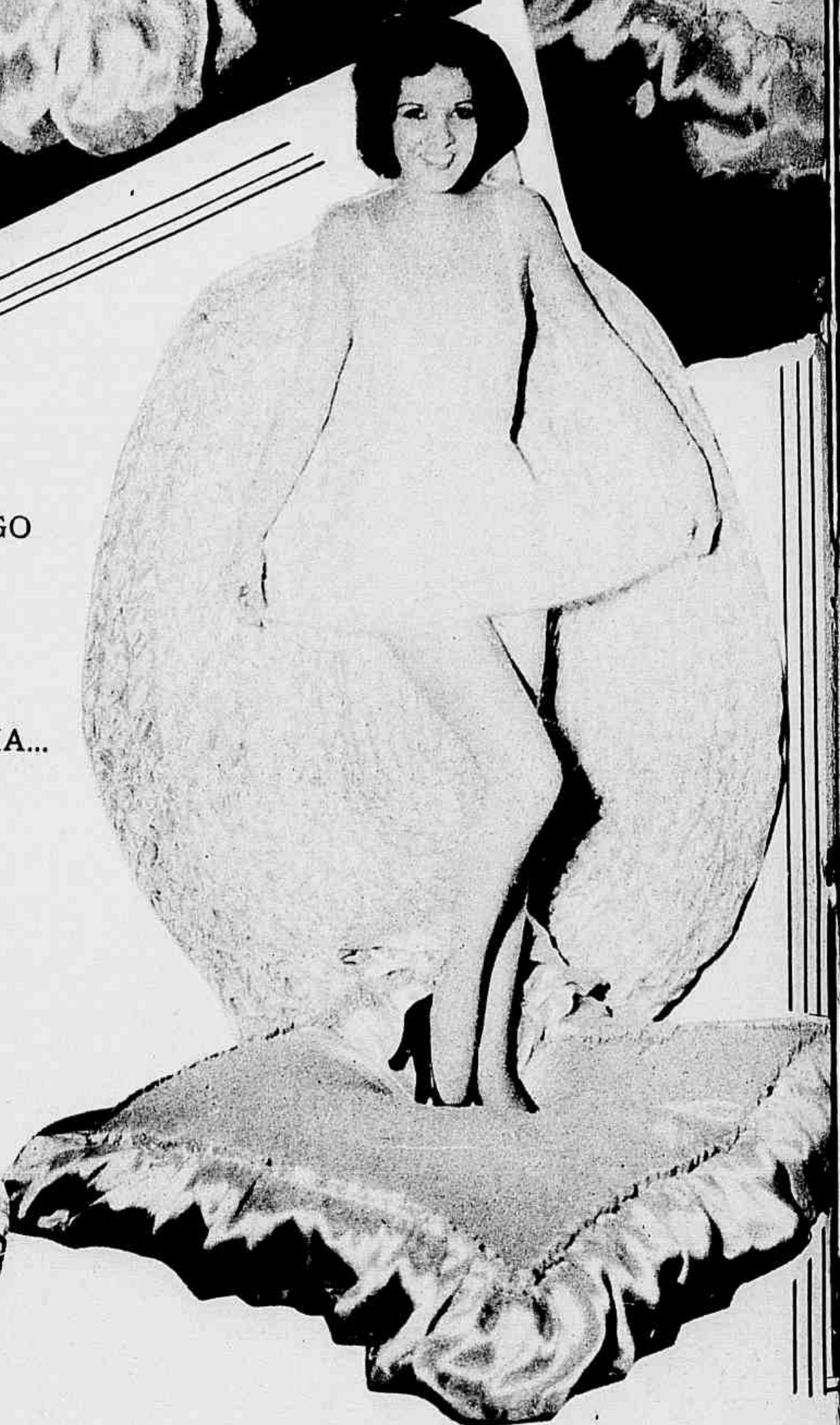
Ha criaturas quietas e as ha ruidosas, em Malibu Beach. Dorothy Lee (ex-Mrs. Jimmie Fiddler), por exemplo, é das mais barulhentas. O seu radio-victrola está sempre funccionando e cada vez o estardalhaço é maior... Aos sabbados), então, a pandega é grossa. Nada passa além do limite, é logico, mas todo aquelle que amar o silencio e fôr vizinho de Dorothy, está perdido...

Depois do enorme incendio que ha tempos lá houve, no qual se queimaram varias residencias de artistas, entre os quaes Louise Fazenda, Marie Prevost e Buddy De Sylva, estabeleceu-se que Malibu Beach precisava ter o seu apparelho contra incendios e, assim Warner Baxter foi nomeado chefe do corpo de bombeiros de Malibu Beach... Mas, que diabo, como não haver incendio em Malibu Beach, com tanta pequena colosso e com tanto ardente "sheik" de Films, morando lado a lado?... John Gilbert... Não basta só este explosivo?... O peor é que elle vae pôr fogo é nas casas dos outros, em vez de incendiar a sua... Por estarem muito juntos Constance Bennett e Joel Mc Crea é que Malibu Beach começou a murmurar que o "Marquis" podia passar a escriptura... Malibu Beach disse, na vespera, que Ina Claire não mais faria "The Greeks Had a Word for It", a menos que fosse re-escripto por ella. No dia seguinte, confirmou-se. Dias depois, Malibu Beach annunciou, aos quatro ventos, que Ina voltaria a figurar no referido elenco, já tudo assentado e direito. No dia seguinte confirmou-se... Foi Malibu Beach que contou o romance de John Gilbert com a tal Princeza Hawaiana e foi Malibu Beach, ainda, que adivinhou o que ia acontecer á casa de Dorothy Lee, quando ella ainda era Mrs. Jim-

(Contin. no fim do numero)

DOROTHY LEE

ONA MUNSON EM MALIBU... SEM LUBITSCH

ELLAS
COMEÇAM
ASSIM...
DEPOIS
ACABAM
NUM
RANCHO
DE
NEVADA.
Sally
Sweet
A GRANDE
ESPERANÇA
DA
UNIVERSAL.
PECEGO
DA
CALI-
FORNIA...

SALLY...
DOS
MEUS
SONHOS...

Toda a historia de Jean Harlow

(1. CAPITULO)

Ella nasceu a 3 de Março de 1911, no numero 3344, da rua Olive, Kansas City, Missouri. O seu verdadeiro nome, nesse dia, era Harlean Carpentier Quando seus paes a olharam, ella, a mãesinha carinhosa que jamais a deixou, na vida e elle um pae que circumstancias varias forçaram a se divorciar da familia, mais tarde, acharam-na, deitadinha no berço, de qualquer forma uma criança exquisita, differente das outras. Era pequena, bem pequena, mesmo, tinha o rosto avermelhado e, na cabeça, um enxame de cabellos brancos como algodão e sedosos.

— Poderia contar-lhe todos os detalhes de "como eu era", se me lembrasse... De toda forma, pelas chronicas de familia que já tenho ouvido, eu deveria ter sido, na verdade, um completo "knock-out"...

Foi o que ella me disse.

Jean jamais gostou de bonecas. Era isso, na opinião dos technicos da familia, entendidos, uma "ausencia demonstrada de instincto maternal". Para dar vida a esse instincto, sua avó comprou-lhe uma grande boneca, com cabellos de verdade e lhe deu de presente no dia do anniversario. Cinco minutos depois a boneca já não tinha mais cabeça. Ella a partida voluntariamente, para ver se a boneca tambem tinha miolos... Percebendo, no emtanto, que aquillo poderia acabar em palmada, astuta como ella já era, chorou e chorou com tamanho sentimento, que o pessoal da familia não resistiu: — acreditou e prometteu comprar "outra" na primeira occasião favoravel...

Outra cousa interessante occorreu já num periodo mais avançado da sua infancia. Deram-lhe uma governante franceza e Jean, tempos depois, falava correntemente o francez, quando o inglez ella mal sabia... A sua principal utilização do francez foi para responder ao que lhe faziam para contrarial-a. Zangava-se e não tendo coragem de responder em inglez, porque com certeza acabaria levando uns tapas, fazia-o em francez e ninguem comprehendendo, ficava por isso mesmo e para ella era um alivio.

Com a idade de seis annos, Jean entrou para a Escola Barstow para meninas, em Kansas City. Nunca chegou ella a completar um curso e isso não se deve a ella. Sua mãe sempre foi arrebatada pelas viagens, pelas aventuras e mudando-se, continuamente de locaes, tirava-a do curso sempre incompleto, no que, diga-se, tambem nunca a aborreceu, porque ella, como sua mãe, tinha os mesmos modos aventurescos de levar a vida.

Aos oito annos arrumou com o novo Packard da familia ao encontro de uma arvore, tentando guial-o.

Aos nove, fumou o seu primeiro cigarro. Escondido de sua mãe, é logico, mas fumou. Com esse proposito já architectado, ella comprou um maço de cigarros Clown. Fumou todos os vinte, um após o outro e quando a reacção veio, violenta, ella soffreu aquillo que jamais pensou soffrer quando começou a reinação...

— Mamãe zangou-se quando eu lhe contei. Mas não se zangou muito e acabou achando graça. Depois me disse que eu aguardasse a minha idade para fazel-o. De toda forma, aos quatorze annos foi que eu fumei a serio o meu primeiro cigarro.

Aos dez annos começou ella a namorar os pequenos das redondezas e consta que muitos foram elles e todos muito apaixonados.

Antes da vinda de um inverno que promettia ser rigoroso, Mrs. Carpentier resolveu passal-o em Los Angeles Essa resolução repentina e brusca cortou um romance da sua infancia, com um rapaz chamado Junior, um romance que ella classifica como o seu primeiro amor.

Em Los Angeles, por causa disso tudo, Jean sentiu-se só e infeliz. Depois sua mãe pôl-a num collegio, a escola Hollywood para meninas e Mrs. Carpentier, para estar proxima ao collegio, alugou um apartamento no predio La Brea.

Antes de chegar a Los Angeles, Jean nunca fôra a Cinema. Prohibira-lhe aquillo a familia, considerando que ella já era sufficientemente levada para não precisar ir ao Cinema para ser mais... Mas em Los Angeles, ainda mais, em Hollywood, já não era possivel fazel-o. Estavam no proprio coração do Cinema e, assim, Jean entrou francamente a ver Films e a achal-os esplendidos.

Naquelle tempo, o seu favorito era Carlito, e Charles Ray tambem tinha sua admiração. Depois passou a ser o seu predilecto Buck Jones. No dia em que ella viu o primeiro Film de Buck, imaginou fazer-se grande e casar-se com elle, dando-lhe a felicidade. Foi isso que ella pensou em relação áquelle que se tornou o seu idolo. Além disso tudo, Jean não perdia uma Filmagem quando era proximo de onde morava e quando era em alguma rua das redondezas. Achava aquillo estupendo.

Foram passar uns tempos em Kansas City, em visita aos parentes e Jean, lá, sentiu-se muito mal. Já não podia passar sem Hollywood. Depois voltaram ao coração do Cinema e Mrs Carpentier alugou um apartamento no "Sunset and Crescent Heights". Queriam alugar uma casa em Crescent Drive e, por isso, ali resolveram esperar pela mesma. No apartamento bem de cima do que ambas occupavam, Wyndham Standing, um artista inglez que estava alcançando certo successo em Hollywood, morava. Wyndham Standing foi o primeiro artista que ella conheceu pessoalmente. Annos depois, alguma cousa muito interessante iria acontecer. Ella era a principal figura feminina de *Anjos do Inferno* e Wyndham, no mesmo Film, iria ter um papel de pequena e relativa importancia...

No collegio Hollywood para meninas, Jean dava-se ás maravilhas. As suas collegas tambem eram fanaticas por Cinema e duas das quaes, com as que mais se dava, eram filhas de Cecil B. De Mille. A convite de Katherina, a mais moça dellas, Jean Harlow esteve varias vezes em casa dos De Mille e elle mesmo, uma occasião visitou as filhas no collegio e conversou com as mesmas e com ella, que no quarto dellas se achava, naquelle momento. Aquelle grande director causou-lhe uma impressão fortissima da qual ella nunca se esqueceu, "fan" de Cinema como era. Mas ainda não tinha ambição de ser artista e nem pela cabeça lhe passava a idéa de ser "estrella".

Jean frequentou a escola Hollywood, até os treze annos. Foi o collegio no qual mais parou. Depois ella e sua mãe voltaram para Kan-

sas City e, lá occuparam um appartamento no "Knickerbocker". Lá viveram por um anno. Um anno importante, principalmente para Jean, que teve, nesse anno, o seu primeiro caso de amor serio, na sua vida.

Foi com um rapaz chamado Rod Adams que occupava o appartamento debaixo do delles. Elle era alto, esguio, e, para Jean, um rapaz muito distincto e intelligente. Ella o achava mais admiravel do que todos os galãs que tinha visto em Hollywood, incluindo Buck Jones. Adams tinha um piano no seu appartamento e costumava tocar e cantar. Jean, no andar de cima, ficava á janella e "sem fala" com a voz de tenor do rapaz que ella achava a cousa mais suave e delicada que já tinha ouvido. Ella, nesses momentos, sentia-se mais romantica do que uma "señorita" que ouve serenatas do seu "garboso". Depois imaginou-se esposa de Rod. Elle estaria constantemente ao piano e ella constantemente aos seus pés, ouvindo-o. Não pensava em nada mais a não ser nisso... Antes de ser consideravel a idéa do matrimonio, logicamente era preciso que ella ao menos conhecesse pessoalmente o rapaz.

Jean o tentou por varios modos. Descia as escadas justamente no momento em que Rod Adams deixava o seu appartamento. Ella calculava pela batida da porta interna o tempo e descia as escadas. O encontro era fatalmente no corredor. Mas elle sempre se esquecia de alguma cousa e voltava para buscar. Ella, assim, tinha que sahir sózinha e fazia-o raivosa, sob duas impressões: — "calculára mal" e a outra, provavelmente a mais certa, "Rod tinha pessima memoria". Ella queria falar com elle e teria que falar com elle. Além disso, já o havia escolhido para seu marido. Até ao Natal, no emtanto, opportunidade alguma apresentou-se.

Durante os dias de Natal, Rod deixou o appartamento e fóra delle passou os mesmos. Não tendo a quem entregar um embrulho que para elle vinha registrado, Mrs. Carpentier acceitou-o para entregar ao rapaz quando elle voltasse. Jean exultou!

Na semana seguinte chegou esse momento feliz que ella tanto esperava... Ouviu accórdes ao piano. Era Rod. Desceu as escadas com o embrulho em questão e bateu á porta, mais emoccionada, mais tremula do que uma collegial antes do espectaculo de fim de anno. Ella sonhára com aquelle momento, mas agora que elle vinha, sentia-se profundamente nervosa, profundamente mal. Quando elle abriu a porta, ella despachou o que trazia decorado: — "Eu... eu sou Harlean Carpentier e móro ahi no appartamento de cima... O carteiro entregou isto para guardar para o senhor, quando voltasse..." E nem siquer dando tempo a elle para agradecer, voltou-se e, nervosa, subiu as escadas numa agitação tremenda.

Tinha arruinado tudo. Procedêra como criança. Afinal por aquelle instante esperára todo aquelle tempo e, quando elle viéra, assim é que procedia?... Ella apenas treze annos completára. Mas tinha a certeza, já, de que o seu amor por Rod era enorme.

Dois dias soffreu ella com o facto de ter arruinado toda a sua apresentação a Rod. Apenas uma semana depois é que lhe foi possivel rectificar o seu erro daquelle dia tremendo para ella... Devia ter sido uma victrola pequena aquelle embrulho, porque ella ouvira, depois daquillo, discos de dansa no appartamento de Rod. Não era tão romantico quanto Rod cantando e tocando piano, mas havia uma valsa, no meio dos discos que elle tocava, que a attrahia. Tomou-se de coragem e mandou a criada perguntar, lá em baixo, o nome da referida valsa. Quando a criada voltou, Jean precisou segurar-se para não ter uma syncope de emoção. Era o proprio Rod que estava á porta, com o disco no enveloppe e sorrindo para ella...

Mrs. Carpentier, nada sabendo das manobras de Jean, achou aquillo um tanto ou quanto estranho, mas, apesar disso, convidou o rapaz a sentar-se. Quando o rapaz lhe disse: — "Sua filha gostou tanto deste disco que eu peço o favor de acceital-o, para a sua victrola", Mrs. Carpentier já tinha comprehendido tudo...

Durante duas horas ficou Rod ali a conversar com Mrs. Carpentier. Verificaram que tinham amigos que eram os mesmos em Los Angeles e em Kansas City. Falaram de logares, de gentes e uma conversa aborrecida que, apesar de tudo, deliciava Jean que tudo ouvia com extase. Rod parecia nem siquer notar que ella existia. Quando ella ameaçou dizer alguma cousa, a attenção que leu no rosto delle foi a de um adulto que espera pela tolice de uma criança qualquer...

Quando elle se despediu, mais a feriu ainda.

— Boa noite!

Disse elle.

— Esta conversa muito agradavel com a senhora e sua "pequena", alegrou-me immenso.

(Continúa no proximo numero).

JILL OSMOND

KAY FRANCIS

LITA CHEVRET

JOAN PROMPTA PARA CANTAR NA CHUVA...

ROBERTA GALE

DOROTHY LEE

TALLULAH BANKHEAD

DOROTHY MACKAILI

TILL ESMOND

DOROTHY SEBASTIAN

São, os Films de caçadas, com animaes selvagens e mattas virgens, reaes ou "tapeações"?... O tigre comeu realmente o macaquinho **Rango**, ou foi **truc** de **camera**?... **Trader Horn** foi feito na Africa ou em Hollywood?... Foi um dos nativos realmente assassinado por um leão, em **A voz da Africa**, ou é tudo isso uma só "tapeação" muito bem arranjada?...

Hollywood jogou reflectores sobre o negro dos sertões africanos. As aventuras de **Simba**, outros Films assim, não ha duvida, têm dado divertimento agradavel a todos que vêm esses Films realmente bem feitos, mas o que muito nos interessa, tambem, é saber se nos fizeram de bobos e isto é uma cousa que procuramos aqui demonstrar...

— Psiu!!! Não fale! Não fale, porque você mata toda a illusão!

Não acho, francamente, que seja isto razoavel. Não é preciso dizer e mentir que se andou pela Africa, Filmando isto ou aquillo, para que um Film seja devidamente sentido pelo publico. Um Film sobre quadrilhas de contrabandistas não é preciso ter quadrilheiros authenticos para dar "côr local"... Basta que o sujeito represente bem e dê a "illusão." O mesmo com o Film de aventuras dos primitivos tempos americanos, com "covered wagons", etc. Era necessario que os indios fossem realmente indios?... Não! Se os artistas brancos se pintassem bem e dessem a "illusão" necessaria, para serem elles verdadeiros indios? Assim os Films sobre a Africa. Não é preciso annunciar Africa alguma e nem expedição tenebrosa qualquer que ella seja. Se estiver o Film bem feito e der a "illusão" pode ser todo feito em Hollywood que o publico gostará da mesma fórma. Esta é a verdade.

Quando se annunciar uma expedição para a Africa, é costume rirem-se os **fans**. Elles sempre duvidam. E, isto, porque, realmente, nunca pódem ter a certeza de uma cousa que é eterna "tapeação" da parte dos productores. E não era preciso annunciar expedição alguma. Era fazer o Film realmente bem feito! Depois, com o interesse que o Film despertasse, viriam paulatinamente os lucros e appareceriam as verdades dos locaes approveitados para Filmagem e realmente africanos ou de quaesquer outros sertões.

Scenas da "A voz da Africa"

Quando Films como **Ingagi**, principalmente p a r t e da qual foi feita no Studio, apresenta-se como Film "genuinamente" africano, o que é preciso mais para indignar o publico?... **Trader Horn**, de outro lado, era um Film que tinha uma historia, dois heroes e um protagonista. Eram ingredientes que, por si, disfarçavam o resto.

Gostem ou não gostem, no emtanto, os Films unicos que conhecemos realmente feitos na Africa inteiramente, são os das expedições M a r t i n Johnson. Os demais são misturas de apanhados verdadeiros e "tapeações" bem representadas. Ernest Schodsack, responsavel por **Grass, Chang** e **Rango,** admitte, franca e sinceramente o emprego, ás vezes, de animaes amestrados e apanhados de machinas amestrados, tambem... Processo Dunning, animaes dos nossos jardins zoologicos, **trucs** de machina, tudo isso, bem feito, dá um Film emmocionante como poucos. **Ingagi,** o super-"tapeação" de todos elles, tinha Charles Gemora, um artista de Hollywood, no papel do perigoso gorilla e, apesar disso, houve um cavalheiro que assistir o Film e que quiz apostar 1.000 dollrs como era authentico aquillo tudo que o Film apresentava.

O processo Dunning de imagens sobre postas é que tem feito "milagres" nessa combinação de Hollywood com a Africa. **A voz da Africa** tem as suas mais fortes emoções Filmadas por esse processo e são todas irreaes as aventuras e a morte daquelle nativo nas garras do leão. Tudo **truc** de **camera.**

De todos os Films de caçadas, bichos, etc., **Trader Horn,** um dos ultimos, é, sem duvida, um dos mais especulados pelos commentarios a este respeito hoje aqui ventilado.

Deve-se isto ao facto de ter a companhia passado um anno em Africa e, depois, outro anno em Hollywood até á apresentação do Film. Sabe-se, tambem, que andou a mesma companhia pelo Mexico, em Filmagens e tudo isso poz muita pulga atraz das orelhas dos **fans** que ligam a estes detalhes. Admitte-se que muitos dos mais sensacionaes apanhados de machina de animaes perigosos, foram feitos no Mexico e que muitas das scenas de aldeias africanas foram refilmadas em Hollywood, no **lot** da M. G. M. com negros de Los Angeles, purissimos e o processo Dunning trabalhando sem cessar... Mas **Trader Horn,** apesar disso, é, garantimos, por termos disso provas, o raro Film Africano 95% Africano, realmente. Prova disso ha neste episodio: A M. G. M. não gostou do papel da missionaria, que, no Film, interpretava Olive Golden. Mandou-o refazer, todo, em Hollywood mesmo, processo Dunning, etc., com Marjorie Rambeau nesse

papel. Quando ficou prompto o trecho, exhibido, realmente provou melhor. Mas a M. G. M. comprehendeu que isso iria succitar casos e discussões sobre "se é de Hollywood ou da Africa" e, por isso, resolveu voltar ao trecho com Olive Golden, feito na Africa, mesmo e foi esse o utilisado.

O interessante, no emtanto, é que criticos que quizeram apontar episodios "tapeados", enganaram-se a cada passo e apontaram justamente os que não foram. Houve uma revista, mesmo, que estampou uma photographia de Harry Carey, Edwina Booth, Duncan Renaldo e Mutia Omoolu e disse que aquelle episodio da morte do leão, por Mutia, fôra Filmado no Mexico. Justamente aquelle foi integralmente Filmado em Africa e com certo risco dos artistas, realmente... O salto do leão era Dunning sim mas o restante, na sua parte integral, era realmente Africa.

— Nós nos vimos cercados por leões realmente famintos. Depois de os termos afugentado, cinco ou seis vezes, elles mostraram-se tão inconvenientes, tão ousados, que se não fossem os caçadores brancos que atraz das **cameras** nos protegiam, teriamos soffrido algum accidente talvez mortal.

Isto disse-nos Harry Carey em conversa e sem intenções de entrevistas:

— Esse **shot** dos leões proximos a nós foi cortado. Diriam os que o vissem, que era mentira, que não tinhamos feito aquillo e que era uma maneira pouco agradavelt para acompanhar, operadores da sua companhia, a

Concluiu elle. E assim foi o criterio do Film todo. Esse negocio de fazer Films da Africa "tapeados", não é positivamente novo, em Cinema. O primeiro destes "casos" regressa a 1908, quando o presidente Roosevelt, naquella epoca não ainda no governo, foi á Africa em nome do instituto Smithsonian. Selig, productor de Films em um acto, em Chicago, conseguiu a permissão de Roosevelvt para acompanhar, operadores da sua companhia, a expedição para tirarem cousas de lá. O operador não chegou a ir e Selig, já com a noticia publicada, não ligou muito ao caso. Arranjou um leão velhissimo de um picadeiro qualquer de Milwaukee e, contractando tambem um artista de variedades de Chicago, artista esse que muito se parecia com Roosevelt, pol-o numa scena deante do leão, mostrando até em **close-up** episodios de uma "matança" de "leões" que faria morrer de rir o menos intelligente dos **fans.** No emtanto, aguardou elle a opportunidade, com o Film prompto e, quando os jornaes romperam com a noticia dos leões que Roosevelt andava matando em Africa, Selig empurrou calmamente o seu Film "Roosevelt matando feras na Africa", e, com o mesmo, conseguiu muito bom cobre... Consta que Roosevelt, quando voltou, andou procurando-o para lhe arrumar a sua "bengalinha" de 20 kilos á cabeça, mas não o tendo encontrado, perdoôu o incidente...

Tão n°'ural é Filmar uma caçada africana em Hollywood, qu .to natural uma scena de deserto arabe no Arizona. E' cousa conhecida e até já vulgar...

O processo que elles usaram, em **A voz da Africa,** para mostrar o negro fugindo ao leão que acabava apanhando-o e, em **Trader Horn,** para aquella avançada do rhinoceronte sobre o negro, é simples. Elles Filmam por **transparencia.** Isto é. Põem o negro ao encontro de um fundo azul e, fazendo-o representar a fuga, Filman-no **atravez** o negativo do leão perseguindo e, assim tudo muito bem calculado, tem-se a impressão exacta que se quer do leão atraz da victima em disparada...

Outro **shot** Dunning de **Trader Horn,** é aquelle em que elles vão margeando o rio e vêm-se hypopotamos por todos os cantos. A scena foi Filmada no rio Nilo, na Africa, mas hypopotamos, muito depois, em outra margem...

Hollywood

A voz da Africa é sonoro e falado. Mas tudo foi gravado em Hollywood... O Film foi feito todo silencioso... O **dubbing** (processo de falar em cima do movimento dos labios, depois do Film silencioso já prompto) foi perfeito e conscidiu, dando muita naturalidade á scena, com o movimento dos labios dos "artistas."

A scena em que o leão come aquella corça, em **Trader Horn,** foi feita com o auxillio dos animaes "ferozes" do jardim zoologico Selig. Nota-se a corça estrebuchando segura pelas mãos escondidas dos que a ali a sustinham até approximar-se o leão "faminto"... E varias outras assim.

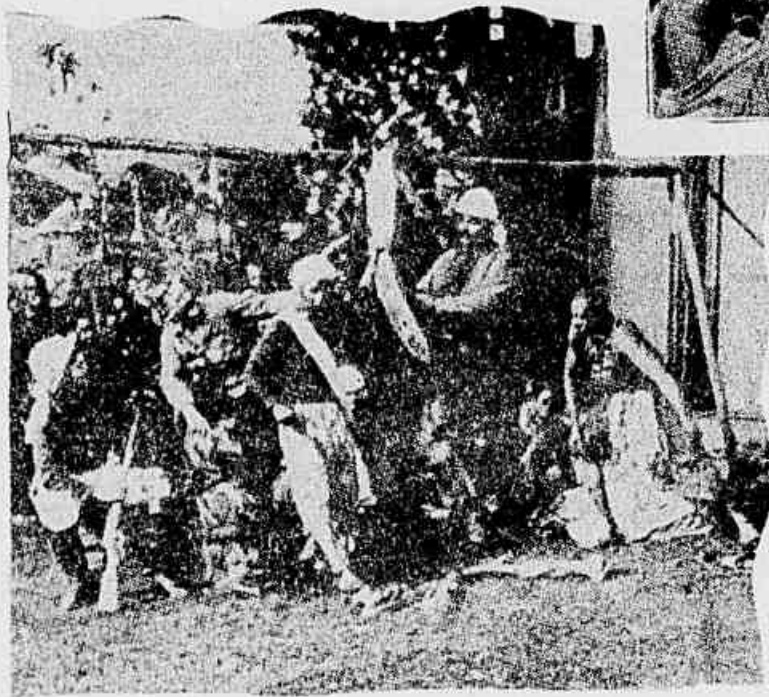
O leão atacando a zebra, a hyena luctando contra o leopardo, tudo tambem foi feito no Mexico, devidamente **ensaiado...**

— Com exepção do buffalo.

Disse-nos Harry Carey.

— Pouco ha a temer dos animaes "selvagens" da Africa. Apenas feridos ou atormentados é que elles atacam. O trabalho com aquelles animaes do zoologico Selig, no Mexico, foi muito mais perigoso, para os que o fizeram, do que tudo quanto fizemos em Africa...

A luta dos leões foi feita na Africa e utilizaram-se varias **cameras** com teleobjectivas possantes que de longe photographaram tudo com perfeição.

A scena dos crocodilos, final, naquella lagôa cheia delles e quando Harry Carey escapa, protegido pela dedicação e coragem de Mutia, em todo seu sacrificio, foi feita em Africa, realmente. Aquelle recanto foi cercado, os crocodilos atiçados para lá e, depois, fechado hermeticamente para que elles não pudessem dali fugir e, assim, darem a impressão de pavôr que de facto deu. Depois foi enchida, como uma piscina e, finalmente, Filmada, com todo cuidado. Foi artificial, sem duvida, mas foi bem feita.

Uma scena do celebre Film da Selig sobre as caçadas de Roosevelt.

Essa scena, no emtanto, não deu a impressão devida. E' que o crocodilo, quando vê, sobre elle, uma sombra qualquer agita-se, fecha os olhos e submerge, quasi sempre. Explica-se isso, porque ha, em Africa, um passaro que é especialista em furar olhos de crocodilo. Apanhando um distrahido, o passaro atira-se a elle com a velocidade de uma bala e vaza-lhe o olho com o bico ponteagudo. Por isso é que o crocodilo, por instincto, quando vê uma sombra passar sobre elle, :ha os olhos e submerge, ás vezes. Assim, quando Harry Carey passou sobre elles, mantiveram-se de olhos fechados e calmos como se nada houvesse. Aquillo, exhibido, não deu sensação alguma e, assim, em Hollywood elles tentaram refazer com mais successo. Foram arranjados jacarés (porque em Hollywood não existem crocodilos) e, numa piscina, amestrados elles foram a saltar sobre qualquer cousa que passasse sobre elles e, isto, com dias de ensaios a darem peixes á elles que estavam famintos. Quando Harry foi Filmado passando sobre elles, quasi perde um pé com a voracidade com a qual os mesmos se atiraram a elle. Projectado este episodio, depois, viu-se que os jacarés realmente estavam muito mais ferozes, mas que eram tão pequeninos em relação aos crocodilos, animaes de 3 e 4 metros de comprimento, que tanto os "imitavam" quanto um gato á um tigre... E, apesar de estar mais emmocionante, foi o **shot** de Hollywood archivado.

Durante a filmagem de "Trader Horn."

Em **Rango,** na opinião sincera do seu autor, Ernest Schodsack, não ha cousas "tapeadas", mas ha cousas representadas. Isto é, ensaiadas. Sim, porque é impossivel arranjar uma cousa como as que elle Filmou, sem arranjar aquillo devidamente, antes e, assim, com auxillio de uns Dunning bem feitos, vae a cousa descendo pela garganta do **fan** abaixo...

O som de **Trader Horn,** na sua quasi totalidade, foi feito na Africa mesmo. Ha cousas feitas em Hollywood, sim, mas a maioria foi feita em Africa. Para apanhar o riso da hyena, gastou-se, uma noite, perto de 50.000 pés de negativo, porque era preciso Filmar e gravar e, assim, gastou-se inutilmente o negativo até apanhar-se a risada tragica desse bicho.

Dizem, agora, que **Tarzan of the Apes** vae ser feita pela mesma M. G. M., devido ao successo de **Trader Horn,** successo que tem compensado vastamente o gasto volumoso desse Film. Serão utilisados provavelmente os mesmos artistas e, o **fan,** depois deste artigo, talvez veja um Film africano com olhos mais observadores...

* * *

Jacqueline Logan acha-se em Londres e, para a British International, está dirigindo um Film do qual escreveu a historia e é a principal figura, o qual chama-se **Strictly Business.**

* * *

Jack Pickford, recentemente atacado de pneumonia, acaba de ter uma recahida que lhe pode ser fatal, tão mau é o seu presente estado de saude. Está sendo tratado com o maior desvelo possivel por sua irmã, a conhecida Mary.

* * *

Conrad Nagel, Frank Capra, M. C. Levee e Benjamin Glazer, foram nomeado directores da Academia de Artes e Sciencias do Cinema.

* * *

Norma Shearer e Walter Lang, director, fazem annos a 10 de Agosto.

Maquillagem

Com dois numeros de antecedencia, publicámos aqui a primeira parte da nossa promettida explicação a respeito da arte da maquillagem no Cinema. Vamos agora apresentar aos nossos leitores a segunda parte do artigo, isto é, o modo como se devem usar pós e cosmeticos com successo completo.

Em primeiro logar, todo o rosto a descoberto é perfeitamente limpo. Em seguida, faz-se uma massagem com o "cold cream" até que uma certa parte desse crême seja absorvida pela pelle. Com o auxilio de uma toalha, retira-se então todo o resto do crême, o que se deve fazer com muito cuidado, para que não fiquem riscos de crême sobre a pelle do rosto.

Em seguida, as actrizes tomam o "grease paint" de côr amarella, e os actores o mesmo "grease paint" porém de côr alaranjada, e cobrem com elle toda a pelle do rosto (incluindo as pestanas e os labios), toda a pelle das orelhas, do collo, e dos braços. O fim d'esta operação é fazer com que desappareça completamente todas as differenças de côr naturaes que se podem notar na pelle do Homem e da Mulher. O resultado é sempre comico de se observar, porque os olhos apparecem diminutos e a face toma uma expressão irreal, devida á côr do "grease paint".

Ao applicar-se a "grease paint" mencionada, a qual vem em longos bastões em regra geral, fazem-se alguns toques com o bastão, cinco ou seis sobre a face, pescoço e orelhas, e em seguida vae espalhando-se a graxa com a ponta dos dedos, em fórma de circulos concentricos, sobre toda a face. E' importante que essa graxa seja espalhada com bastante cuidado na linha da cabelleira que fica sobre as fronte, ou de outro modo poderá apparecer uma linha branca de aspecto feio.

A maquillagem detalhada é a operação que vem em seguida, e a sua regra mais importante resume-se em começar essa operação pelos olhos. Estes são os meios mais importantes de expressão que o artista possue, e as possibilidades de expressão nos Films são realisadas por meio dos olhos. Em consequencia pois, a maquillagem dos olhos deve ser feita com muito cuidado. Tanto os homens como as mulheres, no Cinema, preparam a maquillagem de seus olhos da mesma e geral maneira; apenas os actores do sexo forte fazem as côres e o delineamento menos pronunciado.

O processo dado e explicado abaixo é para os olhos que apparecem muito proeminentes sobre o rosto. Como o objecto da maquillagem dos olhos é tornal-os largos, e dar-lhes uma apparencia de mais profundidade. o artista cujos olhos já são normalmente profundos deve usar outro methodo de maquillagem para os olhos. O que deve ser evitado a todo preço na arte da maquillagem é a possibilidade de se cometter um erro ou simplesmente um engano. O artista que se maquilla deve manter deante de si o seguinte lemma:

"Não ha possibilidade de se retocar um Film Cinematographico."

O primeiro passo no preparo dos olhos consiste em retirar, com uma toalha limpa a "grease paint" das palpebras. Em seguida, com a ponta de um dos dedos (o dedo mindinho é mais geralmente usado porque elle é melhor e mais sensivel) applica-se carmim de leve sobre toda a palpebra, adelgaçando-o misturando-o com a "grase paint" na linha das pestanas, ao lado do nariz, e nas extremidades mais á vista dos olhos.

Em seguida, repita-se a mesma operação sobre a pestana de baixo, com muito cuidado e bem de leve, misturando o carmim sobre toda a pestana inferior.

Agora, com um palito molhado levemente, em sua parte mais grossa, n'uma côr que poderá ser vermelho escuro ou vermelho claro, faça-se uma linha relativamente carregada, desde um pouco mais abaixo do ponto onde se costuma denominar "a ponta do nariz" até o ponto em que as palpebras se encontram. Nas extremidades das palpebras, ou melhor, dos olhos, desenhe-se uma linha recta com a mesma côr. Essa linha deve partir do proprio ponto onde as duas palpebras se encontram, e devem estender-se desde ahi, em direcção ás temporas, mais ou menos por um quarto de pollegada, dependendo isso da forma da face. Trocando-se o lado largo do palito pelo lado fino, termine-se a linha com um ponto muito fino.

Então, com o auxilio de uma côr vermelha semelhante, porém, mais clara, faça-se uma pequenina linha no ponto de juncção das duas palpebras, ao lado do nariz. E' necessario, porém, ter-se a certeza de que a linha fica tão junto da ponta dos olhos quanto possivel. Este é o ultimo passo para a maquillagem dos olhos, resultando n'um augmento apparente que é um beneficio para o coefficiente da propria belleza do artista.

Se os olhos são negros, as côres devem ser mais fracas. Queremos dizer, ao emvez de vermelho, use-se amarello.

Depois dos olhos, em ordem de importancia, vêm os labios. A primeira coisa a notar aqui é que toda maquillagem artificial dos labios, principalmente aquelle chamado "cupid's bow" (arco de Cupido) que já teve tapta voga em tempos passados, e que hoje em dia é encarado tão mal. E' preciso seguir o contorno natural dos labios. Não se deve empregar tambem um vermelho muito carregado, porque quando os labios Filmam assim muito salientemente, os olhos parecerão diminuidos, o que será um desastre para o Film.

Jurandyr Noronha e Florim da Silva da "Sociedade Brasileira de Cinematographistas Amadores"

Cinema de Amadores

Quanto aos dentes, não requerem nenhuma maquillagem especial. Elles satisfazem perfeitamente a camera, assim como se apresentam ao operador. Se apenas um dente se mostra avariado em logar proeminente da bocca, o artista deve procurar immediatamente um bom dentista. Para os dentes cuja côr se vae mostrando amarellada aos poucos, existe um esmalte de theatro com que se podem pintar os dentes de algum valor para o trabalho Cinematographico, a ser executado deante da camera. E' um preparado sem perigos de especie alguma, e que póde ser retirado facilmente, depois que terminou o trabalho junto á camera.

Os defeitos do nariz podem ser corrigidos com preparados adequados, e que serão applicados á pelle ainda secca, de accordo com as instrucções variaveis que vêm com as diversas qualidades. O preparado é applicado sobre a parte defeituosa, da mesma maneira que sobre o resto da face.

Em seguida fixa-se o cabello. A tendencia geral, hoje em dia, é fixar o cabello, linha por linha, seguindo o modo ou estylo, dentro do perfil, que melhor se adapta á cabeça do artista. Os cabellos soltos, voando sobre as pestanas são um máu recurso, visto que pódem sombrear os olhos em momentos em que certos recursos se tornam imprescindiveis. E depois, é preferivel pentear os cabellos para traz, antes que penteal-os sobre a testa, visto que assim irão emsombrear as palpebras dos olhos.

Uma vez penteados e fixados os cabellos, volte-se a cuidar dos olhos e applique-se o chamado "mascaro" ás sobrancelhas e ás pestanas. Nunca se deve usar o lapis para as sobrancelhas. O effeito seria falso e artificial.

Sempre deve empregar-se o "mascaro" com uma escova, escovando-se as pestanas sem tocar a pelle. O mesmo quanto ás sobrancelhas.

Coisas assim como o que se chamaram as "moscas" para o rosto não devem ser empregadas, a não ser em que um film historico, onde as "moscas" sejam mais uma exigencia do vestiario que da maquillagem. N'um Film que se desenvolvesse na côrte de França, por exemplo.

Com os retoques finaes applicados da maneira precedente, o ultimo ponto resume-se em empoar toda a pelle coberta agora com o brilhante "grease paint".

O pó de arroz deve ser litteralmente cosinhado para o que serão precisos alguns minutos. O pó absorverá, aos poucos, a graxa, deixando as côres intactas. Então, esfregando de vagar todo o rosto, retire-se o excesso do pó sobre a face. A' proporção que elle cahe em forma de massa, carrega comsigo toda a graxa do "grease paint". Se a primeira applicação do pó não retira toda a graxa, reptia-se a operação. Finalmente, com um outro pompom, empõe-se mais uma vez toda a pelle, suavemente, com o pó. Para uma pelle de côr clara, o pó de arroz poderá ser côr de carne pouco carregada — isto, porém, é mais uma excepção que um exemplo á regra geral.

Antes de deixarmos, porém, esta questão referente ao pó, convém notar aqui que todo artista deve sempre levar comsigo, seja um actor ou uma actriz, um pouquinho de pó de arroz, um pompom, um espelhozinho, e um pouco de algodão absorvente. A razão está em que todo suór, por menor que seja, se torna apparente sobre a superficie de um rosto maquillado, principalmnte sobre o labio superior. Isso talvez não seja assim tão visivel para a vista desarmada. As lentes da camera, porém, invariavelmente **gosam** quando chegam a notar isso, principalmente quando se trata de uma mulher bonita. Em consequencia pois, a todo momento o artista deve examinar a face com o espelho, enxugar de leve o rosto com o algodão absorvente, principalmente o nariz e o labio superior, retirar as gottas de suór, e então applicar o pó de arroz novamente.

O cabello das frontes deve ficar um pouco grizalho, para indicar uma idade já um pouco avançada. O processo consiste em escovar, e escovar com uma escova, um pouco do "mascaro" branco preparado exclusivamente para esse fim.

As linhas do rosto podem ser accentuadas quando o papel o exige, pintando-se as linhas naturaes do rosto com os lapis apropriados. Essas linhas podem ser encontradas fazendo-se uma careta com o rosto, desenhando-se as linhas d'essa careta, e marcando-se então as linhas desenhadas.

Quanto ás cabelleiras, bigodes, barbas, e assim por deante, representam mais uma parte do vestiario, que propriamente da maquillagem, e são applicadas de maneiras diversas, as quaes dependem do typo fornecido. O chefe do vestiario é quem deve incluir as devidas instrucções para o artista, no momento em que lhe fornece as cabelleiras.

O que geralmente se usa para os bigodes e para as barbas é aquillo que se costuma denominar o cabello postiço. Fixa-se ou colla-se o material sobre o rosto, porém, sempre aos mólhos, e depois, com o auxilio de umas tesouras, dá-se-lhe a fórma desejada, tal o qual como si se tratasse de um bigode ou de umas barbas naturaes.

Para se obterem os melhores resultados no exercicio da arte de maquillagem, é indispensavel a pratica continua. Seria impossivel encontrar-se duas pessoas com uma physionomia semelhante, e devido a isto, sómente o proprio amador poderá saber quaes os methodos que melhor resolverão o seu caso particular. As experiencias podem ser feitas, apanhando-se varios "stills", á luz artificial no interior dos studios, ou á luz natural, no palco das montagens. Aquelles "stills", ou photographias apanhadas com a camera photographica, devem ser estudadas cuidadosamente, e as côres augmentadas, diminuidas ou trocadas, conforme se mostre preciso.

Lembremo-nos, porém, que, quanto mais forte se apresentem as luzes no studio, quanto mais forte seja a luz do sol, mais carregadas deverão ser as côres que teremos que empregar. Para enfraquecel-as, teremos que mistural-as com o "grease paint" branco. E quando as luzes são fracas, as côres terão que ser igualmente enfraquecidas.

:-: A M.G.M. acaba de adquirir os direitos de Filmagem para **Peg O' My Heart**, um Film que a antiga Metro já fez com Laurette Taylor figurando e King Vidor dirigindo.

:-: T. Roy Barnes e Hobart Bosworth fazem annos a 11 de Agosto.

* * *

Eddie Cantor assignou um novo contracto com Samuel Goldwyn e na fórma moderna pela qual se estão fazendo todos os presentes accordos. Eddie, em New York, disse as palavras do contracto e, declarando acceital-o, declarou o seu nome como assignatura. Samuel Goldwyn, de Hollywood, sciente de tudo, tambem disse o seu nome que; por intermedio de ondas sonoras chegou a New York e foi gravado. Dessa maneira até os contratos, hoje, são "falados"...

* * *

John Barrymore assignou contracto com a M. G. M. para apparecer em **Arsene Lupin**, da mesma, dirigido por Tod Browning e tendo Lionel Barrymore, seu irmão, por companheiro.

A tela em revista

DELIRIO DE AMOR — (Never the Twain Shall Meet) — Film da M. G. M. Producção de 1931.

Dentro de uma semana de Films quasi todos fracos, *Delirio de Amor* foi o que mais se salientou.

"*Marido e nada mais*"

Não é um grande Film e nem é mediocre. E' bom. Dois são os seus principaes meritos: Conchita Montenegro e Karen Morley; um o seu grave defeito: Leslie Howard, um dos mais fracos galãs que já temos visto. No seu papel, Neil Hamilton ou Conrad Nagel, galãs "officiaes" da M.G.M., teriam feito muito mais e melhor. Leslie é demasiadamente magro, pouco sympathico e representando com uma pseuda sobriedade e visivel theatralidade. W. S. Van Dyke, director de *Deus Branco* e *O Pagão*, deste mesmo genero e *Trader Horn*, o seu mais recente successo, não teve as opportunidades dos trabalhos citados e precedentes. De toda forma sahiu-se bem nos trechos de natureza e em algumas scenas imprimiu a sua personalidade.

Não se poderá dizer que Conchita Montenegro seja melhor do que Karen Morley. Mas Conchita tem talvez mais opportunidade do que a loira e, as aproveita bem. Sensual e perigosa como jamais esteve, seduzindo francamente a qualquer publico que a veja, principalmente naquella scena em que Leslie Howard a encontra no seu quarto, depois de ter fugido daquelle jantar onde sentira-se insultada por Hale Hamilton e Karen Morley. E' a sequencia melhor do Film e uma que guardará o "fan" nas suas recordações. Na sua terra natal, depois, tambem tem outros momentos igualmente quentes, mas não têm o "it" daquelle que citamos, apesar della estar igualmente provocante.

Mas Karen Morley está tão bonita, tão sympathica, representando tão bem... Emfim, não é possivel dizer qual das duas agrada mais. Mas sendo Conchita a principal, como é, Karen mais mereci ntos tem ainda pelo seu desempenh

C. Hubrey Smi ae solteirão", reapparece e sem nenhu portunidade. Mitchell Lewis tem curto pel. Hale Hamilton, Clyde Cook, Bob Gilbert, Joan Standing, Eulalie Jensen e Lloyd Ingraham, idem.

Merritt B. Gerstadt, esplendido operador que é, apresenta mais um trabalho notavel. Como elle é caprichoso nos "close ups"...

A versão silenciosa que foi feita com Anita Stewart e Bert Lytell nos principaes papeis chamava-se "Thaméa". Este argumento de Peter B. Kyne é dos taes que têm varias versões...

Cotação: BOM.

EMOÇÕES DE ESPOSA — (Kick In) — Film da Paramount — Producção de 1931.

Não adianta dizer: — "pobre Clarinha!". "Infeliz estrellinha!" Não adianta. E' o ultimo Film que ella fez para a Paramount e arruinada como já vinha sendo ha muito, melhor mesmo que terminasse o contracto. E ainda terminou razoavelmente, diga-se. *Emoções de Esposa*, afinal de contas, é um Film bom e se não deslumbra, ao menos não aborrece, o que já é uma grande cousa. O papel della é que é muito pouco vivo e passando o Film quasi todo sério, nem siquer um daquelles seus admiraveis sorrisos ella dá... E' mais "leading Woman" de Regis Toomey do que "estrella" do Film...

Esta mesma historia, ha annos, a Paramount fez. Chamava-se *A Revolta do Humilhado*, era dirigido por George Fitzmaurice e tinha Betty Compson, Bert Lytell, May Mac Avoy, Gareth Hughes, Rogert Agnew, Kathleen Clifford, John Miltern e Walter Long nos papeis que neste têm Clara Bow, Regis Toomey, Wynne Gibson, James Murray, Leslie Fenton, Juliette Compton, Donald Crisp e Paul Hurst. Ainda nos lembramos bem da versão silenciosa. Era melhor do que esta, até no scenario. May Mc Avoy matava-se atirando-se de uma janella. Wynne Gibson dá dois tiros nos ouvidos. Pert Lytell era melhor do que Regis Toomey e Clara Bow não se compara a Betty Compson, nesses papeis.

O Film pode ser visto. Richard Wallace dirigiu-o á vontade, mas com segurança, não é cacete e nem aborrecerá. Apenas desilludirá os que estimam Clara Bow e forem querendo vel-a num grande papel. Da peça de Willard Mack, com scenario de Bartlett Cormack.

"Delirio do amor"

Cotação: — BOM.

MOCIDADE... AINDA QUE TARDE — (Young as You Feel) — Film da Fox — Producção de 1931.

Não tendo a versão hespanhola de DIVINO PECCADO conseguido os applausos do publico que de fórma geral, como já ha muito dizemos, não gosta dos Films falados em hespanhol, substituido foi, no terceiro dia, por MOCIDADE... AINDA QUE TARDE, um Film "estrellando" Will Rogers.

Apesar de lançado assim ás pressas, o Film de Will Rogers, além delle, tinha uma credencial que o recommendava: — Frank Borzage na direcção.

Vimol-o. E' um tanto ou quanto monotono e arrasta-se muito para demonstrar uma cousa que com menos metragem e mais graça a Hal Roach teria contado com Stan Laurel e Oliver Hardy ou mesmo Charlie Chase. Ha entretanto, varios trechos engraçados, entre os quaes a inauguração daquelle monumento futurista e a venda do "outro" ao John T. Murray (repetindo a sua caracterização de ASTUCIA DE CHAN...) naquelle hotel, em Colorado. O resto é vulgar e nada mais do que um "papae" antiquado que resolve dar uma lição aos filhos vagabundos, fazendo-os, com isso, volver os interesses ao trabalho para salvação dos negocios da familia e do proprio pae. Mas tratado em fórma de comedia e não de estudo.

Frank Borzage dirigiu á vontade e não caprichou. Pouquissimo ambiente para elle, é logico.

Fifi Dorsay, quem a viu num Film, viu-a em todos. Sempre a mesma. Lucien Littlefield, bom. Donald Dillaway e Terrence Ray, os filhos, comparaveis ás irmãs Gregson que, do Texas, vinham recommendadas a Lemuel Morehouse e acabam casando com os filhos delle, Lucille Browne e Rosalie Roy.

C. Henry Gordon faz um papel de "penninha" com muita seriedade. Brandon Hurst, Marcia Harris, Otto Hoffman, Joan Standing e Gregory Gaye, figuram. Da peça "Father and the Boys", de George Ade, com scenario de Edwin J. Burke.

Cotação: — REGULAR.

A CAVERNA DO TERROR — (The Fighting Hombre) — F.B.O. — (Prog. V. R. Castro).

Mais um Film de Bob Custer que agora gosta de usar camisas de seda e no cavallo, arreis enfeitados. Direcção de Jack Nelson antigo artista da Universal, lembram-se?

May O' Day é a pequena e Lita Ma-Kar, Carlos Schippa e outros, figuram. David Dumbar é o villão. Film silencioso.

Cotação: — MEDIOCRE.

PALHAÇOS — (I Pagliacci) — Film da Audio Cinema — Producção de 1930 — Programma Matarazzo.

Não é Cinema. E' opera Filmada. Os artistas da Companhia Lyrica de San Carlo fórmam o elenco, tendo á frente, Fernando Bertini, Mario Valle, Giuseppe Interrante, Alba Novelle e Francesco Curci.

Não agrada e neste terreno novo e inexplorado de Cinema, podia-se, innegavelmente, fazer muito mais cousas.

Cotação: — MEDIOCRE.

Original e suggestivo cartaz que a "Rainha das Loterias" está distribuindo, propagando o seu grande plano de Natal.

John...

(F I M)

Agora vem **Grand Hotel**, meu "nêgo"! Você, Greta Garbo, Joan Crawford, Clark Gable e Wallace Beery. Uma linha de "forwards" que não ha "goal", no mundo, que resista. Mas, dessa "linha", meu amigo, quero que você seja o "center" e o "leader", entendeu?... Vê lá! A turma toda joga e dizem que esse novo meia esquerda, esse amigo Clark, tem um "shoot" bastante impressionante... Mas calma! Quando você pegar a pelota a geito e investir num "rush" daquelles seus... "Cadê" meia esquerda?... Você é, nos Films, (já que estavamos "footbolisando" este trecho...) aquillo que Friedenreich é no "foot-ball" nacional: — o melhor "center-forward" apesar dos seus innumeros annos de pelejas continuas... Deixe que os novos appareçam. Aprendem o seu "golpe", é certo, mas não ha meio de conseguirem "aprender" aquillo que você tem e não dá a ninguem: — personalidade em toneladas!

Bem, já estou "fóra da lei". Isto é: — fóra das seis laudas com as quaes sorri o linotypista e dentro do "artigo" dos resmungos e imprecações... Mas vamos abusar mais um pouco delle. Talvez seja tambem "fan" seu e não levará a mal gastar um pouco mais de chumbo com alguem como você, meu amigo.

Tenha no coração, John, a amisade de todos nós. Aqueça-o com a nossa sinceridade! Não permitta que brisa alguma sopre e apague a lampada da sua fé. O oleo sagrado do estimulo dos milhares de amigos seus deve confortar o seu enthusiasmo. Muito juizo! Agora o "senhor" vae trabalhar outra vez com a sua queridissima Greta Garbo. Cuidado! Vê lá se vae começar a amar, outra vez, apaixonadamente, perdidamente, para em seguida, cantar o "Abandonado" sem um "Jonjoca" para fazer o cantra-canto... Vê lá! Esse negocio de "afogar a tristesa" é tolice. Você afoga é o figado, com essa mania de "whiskey" e um galã que soffre do figado é peor do que aquelle que tem callos e conta isso numa entrevista....

Seja sempre romantico, sempre espiritual, sempre eloquente. Ao lado de Greta Garbo você brilhará! Os "fans" vão lêr, nos seus olhos, a nova chamma da paixão antiga. Será um romance" dentro do outro que é o proprio Film. Só isso valerá tomar dez bonds "S. Januario" por dia, esperando-o com calma, para assistir...

Até logo, John. Tudo sahiu do coração. Não me leve a mal Aqui em casa todos sabem que eu sou seu "fanatico". Com muita honra! Foi esse o direito do qual me muni para escrever a você.

Na praia do Cinema

(F I M)

Não ha o que Malibu Beach não saiba. Querem informações sobre escandalos? Venham dar um passeio a Malibu Beach, onde o proprio mar parece bisbilhoteiro...

MAIS UMA POSE DA NOVA SUECA DA METRO GOLDWYN, ASTRID ALWYNN.

Pergunte-me outra...

AIME' ON (Ita) — A mesma vontade tenho eu quando leio suas cartas. Faria o possivel para advinhar, sim e creio que comprehendo perfeitamente tudo quanto você sente e pensa. E' logico que o mesmo eu sentiria. Mas acho que é cousa que apenas você poderia fazer e não creio que seja tão cruel. Absolutamente! Eram interessantes e naturalmente as entreguei ao meu collega da "Pagina". Mas eu entrego copiado apenas o trecho, socegue e tantas vezes quantas você escrever cousas interessantes, Aimé, tantas outras eu conseguirei que sejam publicadas e alegro-me vendo que não se aborrece com isso. Não havia erro algum, não. Mas não era por ser você deste ou daquelle Estado que eu escrevi aquillo. Eu sei que basta ser Brasileira. Basta, sim e pode estar certa de que toda minha curiosidade teve o seu ponto final com a sua intelligente e sincera explicação. Quem gosta de Cinema conhece detalhes e as suas cartas têm dezenas delles e todos muito vivos, muito interessantes e detalhados. Pois eu tambem sou. De toda forma, não creia e nem pense que eu serei indiscreto. Mas se eu lhe dissesse a minha e ella a contrariasse? De toda forma, a sua historia é realmente bonita e se eu fosse capaz de escrever um romance, gostaria de fazel-o com o admiravel thema da sua vida. Pena, realmente. Mas isso não é idade, Aimé. Isso é vida e a vida, para aquelles que soffrem, quasi sempre guarda o seu melhor quinhão para um dia de um futuro bom. Não abaixe a cabeça. Erga-a! Não faça da sua vida um ambiente tetrico do Film de Tod Browning. Confie nella e dê-lha toda a alma de uma esperança sempre nova. Das "ruinas", erga um novo lar para as suas esperanças. Verá, então, que a vida não é tão má assim. Eu a comprehendo, Aimé. Não, isso não é "pieguismo". E' tão bonito o que escreve. As suas cousas alegres tambem me alegraram. Interessante e engraçada a sua opinião. Tem razão. Mas se dissermos isto, dirão que falamos por sermos "despeitados"... Mas são cousas que cahem por si. Por que não manda uma opinião maior e mais detalhada do Film? Mande. Não zango nunca! Você, além disso, tem razão. Mas aquillo não importa. E' um "caracteristico". Pena que não seja possivel, aqui, uma explicação completa sobre este assumpto. Mas os defeitos que você nota irão sahindo com o tempo, pode crer. Gostos seus commentarios. Têm fel, ás vezes, mas e um fel que vem do coração e por isso agrada-me muito. Mas diga! Diga e eu prometto desde já não "pensar" cousa alguma. Quanto ao final da sua carta, pode contar que sou seu amigo, sim. E quando precisar isso provar, provarei. Até logo, Aimé.

E. BOSELLI (Rio) — Isso é um lado da historia. Não faça fé nisso e continue aguardando as novidades... Não abastecem, porque é uma industria que luta sózinha. Mas não longe está o tempo propicio. No proximo ou no seguinte, sahirá, sim. Mas não o viu? Mande a sua opinião. Você é muito sincero e bem por isso eu gosto de você. Explicar, aqui, é uma cousa impossivel, Boselli, porque é assumpto que tomaria meio "Cinearte", talvez Mas a secção de "Amadores" tem dado varias explicações de "como escrever scenarios para Films" e você, lendo os numeros atrasados da sua collecção aprenderá o que tanto quer. Grato pelos "para bens" e até "outra".

DOROTHY APPLEBY NÃO E' SUECA NEM SE PARECE COM NINGUEM MAS E' MUITO... INTERESSANTE...

JULIETTE COMPTON ESTA' FICANDO PERECIDA COM GRETA GARBO...

DANUBIO AZUL (Bello Horizonte, Minas)—Com o calôr eu melhoro, meu amigo Danubio... De toda forma, muito grato. E se você tirasse os "mil pacotes", o que faria?... A sua observação é feliz e disse uma verdade. Experimente mandar a sua photographia e o seu endereço. E' uma questão de "chance". Mas tudo isso deve fazer com muita calma e serenidade. Nada de precipitações. "Cinearte" agradece a referencia e tambem gosta de você, Danubio. Volte quando quizer.

LIGIA (Aquidaúna, Matto Grosso) — Não é possivel publicar, Ligia, porque é muito pequeno e não dá boa reproducção. Se mandar um maior e tendo um numero de "Cinearte" com você, sahirá na "Pagina" dos Leitores. Tenha calma, Ligia, não se afobe. Tenha calma e espere a sua occasião. Você é muito criança, ainda e precisa ter muito juizo. Escreva sempre e aguarde o "Cinearte" pedido.

ALEIDA (Aquidaúna, Matto Grosso) — Sim, é sempre bom mandar as photographias para ficarem conhecidas. Mandem tambem os endereços. Mas tenham calma e esperem uma resposta. Lembrem-se de que a distancia é muito grande e embora não desanimando no ideal que têm, munam-se de paciencia e não se precipitem.

MR. BEAUCAIRE (Rio) — Muito grato pelas suas palavras, amigo Beaucaire. Mas creia que tudo é feito com a mais sincera das boas vontades e com amisade, tambem. Recommendei, sim e espero que você em breve seja chamado. Photographia de Valentino é bem difficil. Não lhe aconselho a escrever. Vae gastar dinheiro com isso e não receberá. Mas se fôr possivel, creia que eu não me esquecerei, não. Quanto á formula, tambem a acho inutil. Tenha certeza de que escrevendo em Brasileiro e griphando "photograph", apenas, é a mesma cousa. Elles pouco se importam com o conteúdo. Basta o pedido e o endereço. Ou mandam a photographia ou mandam um pedido de dinheiro. A formula já foi dada varias vezes e só eu já escrevi umas quatro ou cinco nesta minha secção. Não se zangue e faça o que lhe digo. Retribuo o abraço e espero a sua "outra".

JOHN SHOESMITH (Ribeirão Preto, São Paulo) — Fiquei satisfeito vendo que você deu attenção ao que lhe disse. De facto, o outro era melhor, mas este tambem não é máu. Faz bem e não ligue a esses cavalheiros que falam. Deixe-os falando. Conforme. Os Films que já vimos aqui, desse moderno Cinema italiano não são muito recommendaveis. Emfim... Não. Nunca mais será o que era. Falta-lhe o principal e que perdeu: — a attenção do publico. Apenas poderá agradar na Italia ou nas colonias que os italianos mantenham pelo mundo. Mas para o gosto geral não é bom. O resultado será para elles efficiente, naturalmente, porque contam com o integral appoio do governo. "Terra Mater" que vi, tem boa photographia, boa gravação, nota-se que não faltou recurso á sua confecção. Faltou Cinema e, isto é o que fará fracassar, para o restante do mundo, a producção italiana. Depois do Cinema americano, o allemão ainda continúa sendo o melhor. O proprio Cinema Brasileiro, creia, com sinceridade e isenção de animo, é mais photogenico e mais agradavel. De toda forma, não se esqueça, é uma opinião pessoal. Volte sempre, John.

OPERADOR

O diabo que pague

(F I M)

— Prometto! Mas tenho tanta certeza que isso não succederá...

Riu-se. O pae della tomou a sua resolução. Minutos depois telephonava para uma agencia de detectives. Um delles ia ficar encarregado de vigiar os passos de Willie e pôr Mr. Hope ao par dos mesmos, principalmente nos que se referissem a Mary Crayle...

———

No dia seguinte, Willie quizera fazer varias coisas. Telephonar a Mary. Escrever a Mary. Mas a unica solução que lhe pareceu viavel, foi forçar um encontro "casual". Assim o fez. A' sahida do theatro, abordou-a. Quando se quiz despedir e ali mesmo explicar, Mary fel-o entrar no carro. Não havia remedio. Seguiu em sua companhia. O detective seguiu-os e minutos depois da chegada delles á casa de Mary, Mr. Hope recebia do seu agente secreto uma telephonada.

— Mr. Hope. Willie Leeland achase em casa de Mary Crayle nesse momento. Mayfair, 2163, é o telephone.

Mr. Hope sorriu satisfeito. Chamou Dorothy.

— Você me prometteu que se Willie tornasse a ver Mary Crayle você jámais o veria...

— E' verdade. Mas isso é impossível...

— Pois neste momento elle está na companhia dessa mulher.

— Não creio.

— Não crê?...

— Não.

— Pois telephona-lhe. Mayfair, 2163. Se não estiver, dou-lhe minha palavra: — casem-se e eu não opporei clausula nenhuma e nem a desherdarei...

Dorothy acceitou. Telephonou. Quem attendeu foi o proprio Willie.

Ella conheceu immediatamente a sua voz.

— Prompto! Quem fala?... Prompto!... Quem?... Dorothy?... Dorothy!!! Dorothy!!!

Desesperou-se. Mas a sua calma promptamente o dominou. Precisava ver sua noiva naquelle momento. Despediu-se de Mary. Ella comprehendia aquillo e não se sentia com forças para impedir a felicidade do homem que tanto quizera...

Dorothy soffreu muito. Foram segundos de intensa tortura para ella. Depois caminhou até ao pae e lhe pediu um cheque de cinco mil libras.

— Cinco mil libras?...

— Sim. Não acha que vale esse preço uma experiencia como esta que acabo de soffrer?...

Mr. Hope concordou. Deu o cheque. Dorothy esperou

Willie. Tinha certeza que elle viria e não demorou muito, realmente...

— Dorothy... Por favor...

— Queira sentar-se.

— Dorothy... Eu sei que você pensa...

— Você viu aquella mulher e me havia promettido não mais vel-a. Jurou...

— Não me creará se eu lhe disser por que fui?

— Eu sei porque foi. Você a ama. Por que não teve a coragem de pedir dinheiro em vez de mentir assim para o conseguir?

— Mas não está dizendo que eu alguma vez me interessei pelo seu dinheiro, pois não, Dorothy?...

— Pois eu acho. Mas tambem acho que toda experiencia deve ser paga. Aqui tem um cheque de cinco mil libras. E' em quanto avaliei a experiencia cruel a que você me submetteu...

Para Willie o choque foi grande. Conteve-se. Pensou. Num segundo tomou sua resolução. Fez-se cynico.

— Cinco mil libras?... Não é muito, convenhamos... Mas os tempos andam "bicudos" e, afinal, custaram tão pouco... Bem, aqui nada mais tenho a fazer. Adeus!

Dorothy nem soube como explicar a sua estupefacção. Quando seu pae della se approximou, encostou-se a elle e chorou violentamente toda aquella enorme dôr...

Os passos de Willie continuaram a ser seguidos. Elle fôra ao banco, descontara o cheque. Dorothy não queria crer, não podia crer. Mas os factos, uns sobre os outros, diziam quem elle era. E quando mais rancorosa contra aquelle homem que daquella maneira a traira, uma carta do Grão Duque Paul, para Dorothy, encheu-lhe novamente o coração de alivio. Paul agradecia cinco mil libras que ella tivera a "generosidade" de lhe mandar e affirmava embarcar no dia seguinte para Paris, e, dali, para sua patria. Era a alegria que voltava novamente ao seu coração. Finalmente! Willie recebera o seu dinheiro... Mas a lição que lhe dera fôra admiravel... Provara o valor do noivo que seu pae endossava e salvava brilhantemente o seu caracter...

Mr. Hope custou a crer naquillo que lia, escripto pelo Grão Duque. Mas depois revoltou-se e acabou consentindo no casamento de Dorothy com Willie. Afinal o rapaz não era tão ruim quanto elle pensava...

No dia seguinte, Dorothy foi encontrar Willie arranjando suas malas para embarcar. Ia á Nova Zelandia e levava comsigo apenas George, o seu cãozinho inseparavel...

Susan e Lord Leeland retiraram-se. A discussão exerceu-se por meia hora. Ambos tinham desculpas a pedir e não as pediam. Quando ambos os orgulhos se quebraram, Willie pediu desculpas por ter ido á casa de Mary e, ella, pelo cheque. Depois beijaram-se longamente e Willie acreditou que era a mulher ideal que encontrava no calor amoroso dos carinhos de Dorothy Hope. Ella, então, não queria outra vida: — Willie Leeland era o seu ideal.

As gargalhadas do pae interromperam o idyllio.

— Por que se ri?

Perguntou-lhe Dorothy.

— E' porque seu pae está ahi, Dorothy, e disse que não quer que Willie vá para Nova Zelandia. Que elle comprará aqui perto de Londres uma granja para viverem nella...

— E que graça acha nisso, meu pae?...

— Que, agora, é os moveis delle que você vende e não os meus...

Willie voltou-se sorrindo para Dorathy. Riu-se ella tambem. Tornaram a se beijar. Finalmente iam ser felizes.

MULHER ELEGANTE...

NÃO E' A QUE SE PREOCCUPA SÓMENTE COM A DISTINCÇÃO DA "TOILETTE" E SIM, A QUE HARMONIZA SUA ELEGANCIA PESSOAL COM O CONFORTO DO LAR.

(Mme Y. T.)

OS MOVEIS DE ESTYLO E TAPEÇARIAS FINAS EM EXPOSIÇÃO NA

CASA BELLA AURORA

A MELHOR CASA DESTA CAPITAL

PODEM PROPORCIONAR A V. EXCIA. O ENCANTO E CONFORTO DO VOSSO LAR

RUA DO CATTETE, 78 e 108

MARCUS VOLOCH & CIA.

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS
Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — Estrangeiro: 1 anno, 78$000; 6 mezes, 40$000.

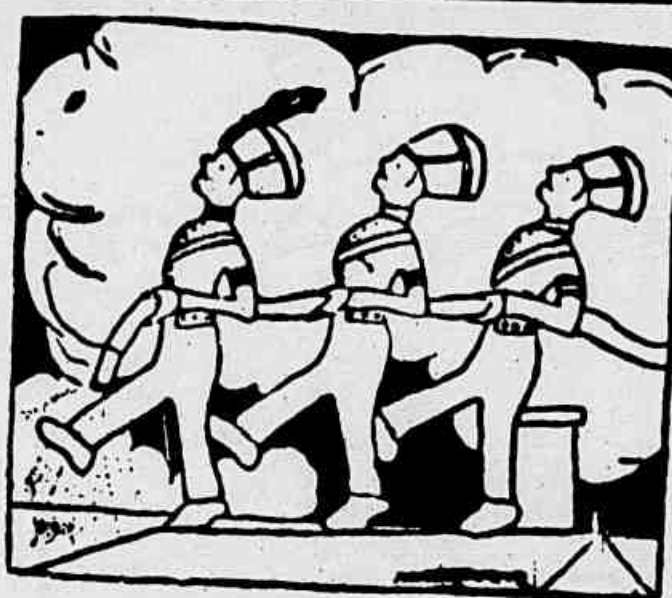
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood.

GILBERTO SOUTO.

Em meados do mez de Dezembro, nas vesperas festivas do Natal, na imaginação das creanças anda a voar um desejo, um anseio pela posse dos maravilhosos brindes que Papae Noel guarda no sacco de surpresas. Nenhum brinde, porém, é mais cobiçado do que o "Almanaque d'O Tico-Tico". Este anno essa publicação vae exceder, quer na sua confecção material, quer no copioso e educativo texto, a dos annos anteriores. As mais bellas historias de fadas, os mais lindos brinquedos de armar, comedias, versos, historias, lições de cousas, tudo, emfim, conterá o primoroso "Almanaque d'O Tico-Tico" para 1932, a sahir em Dezembro.

A' Classe Medica e ao Publico em geral

Continuando a chegar ao nosso conhecimento, (apesar dos annuncios que fizemos nos jornaes desta capital) que o individuo, que diz chamar-se ADHEMAR PINTO DE CAMPOS, dizendo-se nosso viajante, angaria assignaturas de revistas medicas, nos Estados: S. Paulo, Minas e Paraná, avisamos á distincta classe medica e ao publico em geral, que não conhecemos esse individuo, que não vendemos **revistas medicas** e que não temos viajante, não passando portanto esse individuo de um chantagista, para quem pedimos, as penas da lei, avisando outrosim, que não nos responsabilisamos, pelos documentos e recibos passados pelo mesmo. Rio, 16 de Novembro de 1931. Pimenta de Mello & C. Rua SACHET, 34 — Rio.

Dr. Olney J. Passos

OPERAÇÕES — PARTOS

Molestias de senhoras — Diatermia — Ultra Violeta — Diatermo-coagulação. Das 3 em diante.

Rua S. José, 19. — Tels.: 8-0702. Res. 8-5018.

Leyla Hyams
CINEARTE

Odol
A Pasta Odol dá brilho e brancura aos dentes;
o Liquido Odol completa a hygiene da bocca
evitando a carie e perfumando o halito.
ODOL